



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MORANAH DE CARVALHO CELESTINO

CRIANÇAS-SOLDADOS: O CASO DO ISIS

FLORIANÓPOLIS
2017

MORANAH DE CARVALHO CELESTINO

CRIANÇAS-SOLDADO: O CASO DO ISIS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Graciela De Conti Pagliari

FLORIANÓPOLIS,
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A banca examinadora resolveu atribuir a nota 9,5 à aluna Moranah de Carvalho Celestino na disciplina CNM 7280 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora,

Prof^a. Dr^a. Graciela De Conti Pagliari

Prof^a Kelly Cristina Teixeira

Prof. Thiago Rodrigo da Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a Deus, pela minha família.

À minha mãe, Fernanda, e a minha avó, Maria Conceição, por todo o amor e carinho que me deram a vida inteira, e pelo apoio e incentivo que me deram nos momentos mais difíceis, por terem me aguentado nos momentos de ansiedade. Muito obrigada por tudo o que vocês fizeram e ainda fazem por mim, para que eu tenha as melhores experiências na vida.

À minha família – meus tios e primos – por sempre me apoiarem, e acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava das minhas capacidades.

Aos meus amigos por terem feito esses anos de graduação os melhores possíveis. Obrigada pelas memórias, por terem criado um verbo só para mim, prometo “moranhar” menos.

À Professora Graciela De Conti Pagliari, pela oportunidade e orientação na elaboração deste trabalho, por toda a paciência que teve comigo durante esse projeto.

E a Universidades Federal de Santa Catarina e ao curso de Relações Internacionais que foram muito importantes para a minha formação, tanto a acadêmica quanto a pessoal, obrigada por todo o aprendizado adquirido.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar o papel das crianças-soldados, e sua contribuição para a consolidação do Califado, objetivo principal do grupo terrorista ISIS, através de uma análise onde são apresentados os conceitos de guerra de terceiro tipo, segurança humana, e de terrorismo. O trabalho apresenta um histórico sobre o ISIS, desde as mudanças em sua terminologia, até seus objetivos e métodos de ação. Analisa o papel das crianças-soldados em diferentes conflitos no mundo, em diferentes tempos históricos e as diferenças com o recrutamento das crianças nos conflitos contemporâneos. Destaca-se o caso das crianças-soldados recrutadas pelo ISIS, desde das formas de recrutamento até seu treinamento, os papéis que exercem dentro do grupo, e sua importância para o futuro do califado.

Palavras-chaves: ISIS, Terrorismo, Crianças-Soldados, Segurança Humana

ABSTRACT

This essay aims to analyze the role of child soldiers, and their contribution to the consolidation of the Caliphate, the main objective of the ISIS terrorist group, through an analysis of the case, presenting the concepts of wars of the third kind, human security, and terrorism. This paper presents a history of ISIS, from changes in its terminology to its objectives and methods of action. It analyzes the role of child soldiers in different conflicts around the world, in different historical times, and the differences of the recruitment of children in contemporary conflicts. Noteworthy is the case of child soldiers recruited by ISIS, since the forms of recruitment to their training, the roles they play within the group, and its importance for the future of the caliphate.

Key-words: ISIS, Terrorism, Child-soldiers, Human Security

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do plano de 5 anos do ISIS para se expandir da Espanha a China	44
Figura 2: Estrutura de Comando do ISIS	46
Figura 3: Crianças-soldados em treinamento físico nos campos	70
Figura 4: “Cerimônia de graduação” dos Filhotes do Califado em Mossul.	71
Figura 5: Vídeo de crianças discursando para a câmera.	72
Figura 6: Mortes e operações suicidas.	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQI	al-Qaeda no Iraque
EUA	Estados Unidos da América
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
GWOT	Global War on Terror
ICSR	International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence
IRA	Irish Republican Army
IS	Islamic State
ISI	Islamic State of Iraq
ISIL	Islamic State of Iraq and the Levant
ISIS	Islamic State of Iraq and Syria
JN	Jabhat al-Nusra
JTJ	Jama'at al-Tawhid wal-Jihad
OHCHR	The Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights
ONU	Organizações das Nações Unidas
SOHR	Syrian Observatory for Human Rights (SOHR)
UNAMI	The Human Rights Office of the United Nations Assistance Mission for Iraq

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NOVOS ASPECTOS DA GUERRA E O TERRORISMO CONTEMPORÂNEO	13
2.1. AS GUERRAS CLÁSSICAS E OS NOVOS ASPECTO DAS GUERRAS CONTEMPORÂNEAS	13
2.2 GUERRA DE TERCEIRO TIPO / GUERRA DOS POVOS	18
2.3 AS NOVAS DIMENSÕES DOS ESTUDOS DE SEGURANÇA	20
2.3.1 O conceito de segurança humana	21
2.4 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO	24
2.4.1 Instrumentalização Política do Terrorismo	28
3 ISIS – UM HISTÓRICO SOBRE A CRIAÇÃO DO CALIFADO	34
3.1. MUDANÇAS DE NOME E TERMINOLOGIA ATUAL	35
3.2. UM HISTÓRICO SOBRE AS ORIGENS DO ISIS	36
3.2. OS OBJETIVOS DO ISIS	43
3.3. A ESTRUTURA DO ISIS.....	45
3.4 METODOLOGIA E RECRUTAMENTO – COMO O ISIS OPERA?.....	47
4 RECRUTAMENTO DE CRIANÇAS-SOLDADOS EM CONFLITOS ARMADOS: O CASO DO ISIS	55
4.1 O USO DE CRIANÇAS-SOLDADOS EM CONFLITOS ARMADOS	55
4.2 O RECRUTAMENTO DE CRIANÇAS-SOLDADOS PELO ISIS	61
4.2.1. Por que usar crianças?	63
4.2.2. Recrutamento	64
4.2.3 Treinamento	69
5 CONCLUSÃO	77
6 REFERÊNCIAS	81

1 INTRODUÇÃO

Os argumentos apresentados por Holsti (1996), mostram que atualmente o fenômeno da guerra se manifesta em um terceiro formato. O primeiro formato seria o modelo clássico apresentado por Clausewitz (1989) que determinava que o uso das forças armadas é um instrumento político da disputa entre Estados, e as guerras eram travadas por questões de soberania, influência ou hegemonia.

O segundo formato seriam as guerras totais, as guerras mundiais, e os confrontos ideológicos que surgiram com a revolução nuclear durante a Guerra Fria. Atualmente, segundo Holsti (1996), o cenário internacional estaria presenciando a consolidação da guerra, onde os embates entre Estados diminuem, e aumentam os conflitos dentro dos Estados, conflitos que acabam tendo consequências transnacionais. Esse novo formato de guerra é definido pelo autor como guerras de terceiro tipo ou guerra dos povos.

Holsti (1996) propõe um foco nos estudos das guerras não-declaradas, irregulares, que destacam ações contra as populações civis e o terrorismo. Os conflitos armados contemporâneos, em sua maioria, são de longa duração, não se limitam a territórios, têm um acesso mais fácil a armas. Como consequência, isso aumenta o envolvimento de civis, tanto como vítimas, como quanto combatentes.

Embora as guerras contemporâneas apresentem elementos que caracterizam as antigas guerras, estudos mostram que elas apresentam também novos elementos, como crimes e violações de direitos humanos. Essas violações desrespeitam as normas do Direito Internacional, e geram consequências para a população civil, como o aumento no número de refugiados, ou o uso de crianças-soldados em combate.

Com essa nova conjuntura internacional, onde o Estado não possui mais o monopólio do uso da força, há um aumento nas ameaças não-estatais à segurança internacional, que trazem consequências também para a população civil. Por isso, alguns autores da área, como Buzan e Hansen (2009), acreditam que para responder essas a novas questões, é preciso ampliar os estudos sobre segurança internacional para entender como fatores além do militar podem ser vistos como ameaças, e para que passassem a incluir os indivíduos como atores do sistema internacional. Esses estudos ficaram conhecidos como estudos de segurança humana que passam a considerar ameaças não-militares como escassez e degradação ambiental, disseminação de doenças, superpopulação, movimentos de refugiados, nacionalismo, terrorismo e catástrofes nucleares.

Com o desenvolvimento dos estudos de segurança humana, foi a possível incluir e tratar sobre o fenômeno do recrutamento das crianças-soldados. Criança-soldado é o termo que se

refere a menores que estão ativamente envolvidos em guerras e outros conflitos armados, e embora a presença de crianças em conflitos armados não seja um fenômeno recente, foi nos séculos XX e XXI que o mesmo ganhou destaque nos estudos das relações internacionais, principalmente nas áreas de Direito Internacional e Segurança Internacional. Isso se deve, principalmente ao aumento no número de conflitos, e pelas mudanças acerca das estratégias adotadas na guerra e suas consequências. As crianças passam a ser consideradas como atores fundamentais para a dinâmica desses conflitos, visto a facilidade de serem recrutadas e treinadas, e a facilidade com que cumprem diversas funções.

Há uma diferença em relação ao uso de crianças nas guerras passadas, com os conflitos contemporâneos, pois antigamente as crianças eram usadas apesar da sua juventude, enquanto atualmente elas são usadas por causa da sua juventude. Para grupos armados e insurgentes, o uso de crianças-soldados, traz inúmeros benefícios, pois são mais fáceis de doutrinar, passam despercebidas por forças de segurança, e seguem ordens sem questionar, diferentemente dos adultos. Para o grupo terrorista ISIS que se autointitula Estado Islâmico, as motivações para recrutar crianças vão além desses benefícios. Além de técnicas de guerra, elas aprendem a fundo a ideologia extremista do grupo, sendo uma parte fundamental para a propaganda do ISIS que tenta passar a imagem de um Estado em pleno funcionamento. O grupo terrorista recorre às crianças porque acredita que elas serão o futuro do Califado, a próxima geração de soldados jihadistas, que continuarão o seu legado, perpetuando a ideologia extremista do grupo.

Além disso, a mobilização do ISIS para recrutar crianças para fins militares aumentou nos últimos anos, assim como a taxa de jovens morrendo em operações suicidas. Diferente de outros conflitos onde as crianças foram usadas como último recurso, o ISIS vem colocando-as na linha e frente cada vez mais cedo.

Diante disso, é importante um foco no ISIS, pois além do grupo estar usando crianças de uma forma diferente de outros conflitos, colocando-as nas linhas de frente como se fossem adultos, violando as regras dos direitos humanos, a utilização de crianças tem um grande peso dentro da organização exatamente por causa de sua juventude, sendo mais fácil de doutrinar e usar crianças para continuar propagando seus ideais radicais, visando a consolidação do futuro califado.

Reconhecendo a importância de estudar o fenômeno do recrutamento de crianças-soldados pelo ISIS, adota-se como tema desta monografia o papel das crianças-soldados, e sua importância para o futuro do grupo. Destaca-se como pergunta de pesquisa deste trabalho o porquê de o ISIS utilizar crianças-soldados e qual é a importância delas para o grupo? Para responder à pergunta de pesquisa foram traçados um objetivo geral e três objetivos específicos.

O objetivo geral é o de analisar o recrutamento das crianças-soldado pelo ISIS e sua importância para a consolidação dos objetivos do grupo.

Com o intuito de atingir o objetivo geral, a monografia é dividida em três capítulos, onde cada um possui um objetivo específico, a fim de responder à pergunta de pesquisa. A metodologia escolhida é o estudo de caso, utilizando o método qualitativo, sendo que as fontes de pesquisa serão livros científicos, artigos e dissertações de mestrado e teses de doutorado. Serão utilizados também documentos oficiais como o relatório feito pelo centro de pesquisa Quiliam “The Children of Islamic State” (2016), que teve o apoio da UNICEF; resoluções e estudos de órgãos internacionais, como a ONU, que envolvem a proteção e direitos das crianças.

No primeiro capítulo, será feita uma análise sobre os novos aspectos da guerra, com base nos argumentos de Holsti sobre o conceito de guerras de terceiro tipo, apresentando o que realmente difere as guerras contemporâneas das antigas guerras e como há uma perda do monopólio do uso da força pelo Estado, com o surgimento de novos atores. A partir dessa análise, explicar como essas mudanças influenciaram na ampliação dos estudos de segurança internacional, destacando o surgimento dos estudos de segurança humana e como o fenômeno do recrutamento de crianças-soldado está ligado ao terrorismo e a violação de direitos humanos.

No segundo capítulo, para entendermos melhor o surgimento do ISIS, será feito um levantamento do histórico do grupo desde sua criação, analisando seu surgimento, os objetivos e motivações de seus líderes. Neste capítulo também será feita uma análise sobre como o grupo pretende expandir sua influência, utilizando meios modernos de comunicação para propagar seus ideais, e recrutar indivíduos para a construção e consolidação do califado.

No terceiro capítulo, começaremos com um histórico em relação ao recrutamento infantil, colocando em destaque a utilização de crianças-soldado em outros conflitos ao longo da história, e a percepção dos Estados e das organizações internacionais sobre quando uma criança é considerada um soldado. A partir disso e do histórico do ISIS, serão apontadas algumas motivações – identificadas até o momento – para o recrutamento de crianças-soldado pelo grupo, e a partir desse ponto será feita uma análise sobre quem são essas crianças, os papéis que exercem dentro do grupo e o que elas significam para o futuro do califado.

2 NOVOS ASPECTOS DA GUERRA E O TERRORISMO CONTEMPORÂNEO

Na visão clássica da guerra, essa se apresentava como uma competição de armas entre Estados soberanos, que organizavam suas forças militares uns contra os outros, seguido de um combate entre essas forças armadas. Seguindo o modelo clássico definido por Clausewitz (1989), as guerras eram distintamente designadas, organizadas e marcadas, e tinham como objetivo a destruição da capacidade do adversário de resistir e assim se impor militarmente e politicamente perante as partes derrotadas (HOLSTI, 1996). Porém com as mudanças no cenário internacional, os conflitos contemporâneos já não são mais contemplados por esses estudos clássicos sobre a guerra.

No período pós-Guerra Fria, pode-se perceber que com o declínio no conflito entre Estados Unidos e União Soviética, o foco da sociedade internacional deixa de ser na rivalidade entre essas duas potências e passa se concentrar na existência de novos conflitos que envolvem a participação da população civil. Percebe-se então, uma diminuição nos conflitos interestatais e um aumento nos conflitos intraestatais, cujas causas são diversificadas.

É nesse contexto, de surgimento de novos focos de tensão dentro dos Estados, que surge um debate para conceituar os conflitos contemporâneos. Diferentes autores tentaram explicar essas novas características da guerra introduzindo novos conceitos, como: guerras entre as pessoas, guerras do terceiro tipo, guerras híbridas, guerras privatizadas, guerras pós-modernas, e novas guerras.

Neste capítulo tratar-se-á sobre esse novo formato da guerra, com base nos estudos de Holsti (1996) sobre Guerras de Terceiro Tipo, a fim de apresentar as novas características da guerra, e o surgimento dos novos atores – como as crianças-soldado

s. A partir dessa análise, será introduzido o tema do alargamento dos estudos de segurança internacional, com foco nos estudos de segurança humana, e a ampliação da segurança em relação ao terrorismo contemporâneo e como este é o inimigo a ser combatido, a fim de explicar como essas novas características da guerra explicam os conflitos atuais e o recrutamento infantil.

2.1. AS GUERRAS CLÁSSICAS E OS NOVOS ASPECTO DAS GUERRAS CONTEMPORÂNEAS

A guerra tem sido um dos principais focos de estudo das relações internacionais durante os últimos três séculos, e isso fica claro pelo constante aumento da literatura sobre o assunto,

sendo um fenômeno que invoca um interesse contínuo¹. Os estudos sobre a guerra são tão importantes que fazem parte da agenda das Nações Unidas e de uma variedade de organizações internacionais. O caráter moral, legal, humano e estratégico desses conflitos continua exigindo tanta atenção atualmente como exigiam no passado. Porém, as antigas abordagens já não conseguem explicar completamente os novos aspectos da guerra. A guerra atualmente não é o mesmo fenômeno que foi no século XVIII, ou mesmo na década de 1930, ela possui diferentes fontes e assume características significativamente diferentes (HOLSTI, 1996).

As guerras na Europa até o século XVII, eram travadas com o intuito de assegurar os objetivos característicos da era medieval, que eram necessidades como defender os direitos de propriedade e sucessão, principalmente entre a realeza; para impor obediência entre vassallos, para ampliar a influência e proteger os interesses da igreja. Eram consideradas muito mais como conflitos de interesse pessoais do que conflitos entre Estados ou nações.

Uma mudança clara nos aspectos da guerra é sua duração. No século XVIII os conflitos se estendiam por menos tempo do que atualmente, numa média de um ano. De acordo com o conceito de guerra proposto por Clausewitz (1832), as guerras seguiam uma sequência desde o seu início até o seu final: a princípio haveria uma crise inicial, onde as negociações diplomáticas já não conseguiriam conciliar os posicionamentos divergentes ou as exigências dos Estados envolvidos; desse ponto, um ultimato ou algum incidente - muitas vezes provocado por uma das partes, conduz a uma declaração de guerra (HOLSTI, 1996).

Após as declarações de guerra, seguia-se um combate armado que resultaria ou em um impasse ou, mais frequentemente, a uma derrota militar decisiva em uma única batalha ou uma curta série de batalhas. A parte derrotada então concordava com uma trégua e fazia um pedido de paz, que seria concluído dentro de um ou dois anos, sendo estabelecido um tratado de paz com novas regras, responsabilidades e ajustes em relação aos territórios. Qualquer violação dos tratados justificavam uma represália ou outras formas de punição (HOLSTI, 1996). Por seguirem essa sequência, é possível apontar quando que as guerras que ocorreram entre os séculos XVIII até o começo do século XX começaram e terminaram.

Foi partir de 1945, que as guerras começaram a apresentar um perfil diferente.

Não existe uma única crise que possa precipita-las, e normalmente não começam em uma data específica. Não há declarações de guerra, não há estações de campanha, e poucos acabam com tratados de paz. Batalhas decisivas são poucas. Atrito, terror, psicologia e ações contra civis são destaque no "combate". Ao invés de forças armadas altamente organizadas com base na hierarquia de comando estrito, as guerras são

¹ Para explicar as novas características da guerra vários termos têm sido utilizados como: guerras entre as pessoas, as guerras do terceiro tipo, guerras híbridas, guerras privatizadas, guerras pós-modernas, bem como "novas guerras". Além de Holsti, diversos autores abordam esses novos aspectos como Mary Kaldor (2001), Herfried Münkler (2005), Mark Duffield (2001), Martin Van Creveld (1991).

travadas por grupos dispersos em regulares, irregulares, e até por senhores de guerra de base local sob pouca ou nenhuma autoridade central (HOLSTI, 1996. p. 20 – tradução nossa).²

Além disso, enquanto houve um declínio em relação ao número de conflitos interestatais, os conflitos intraestatais passaram a aumentar. O objetivo da guerra passa a ser o estabelecimento e controle de um Estado, envolvendo o direito de soberania, de governança e o status de nação perante a outros Estados.

Uma das características que se pode perceber sobre as guerras ocorridas desde 1945, é que as mesmas têm sido em sua maioria revolucionárias, de libertação nacional, guerras civis, guerras de secessão, tendo ainda objetivos diferentes das antigas guerras. As guerras de libertação nacional, tinham o propósito de acabar com um governo considerado ilegítimo por uma comunidade. Um exemplo eram as rebeliões no século XIX de comunidades etnicamente e / ou religiosamente definidas contra o domínio de impérios como o russo, o austríaco e o otomano. Já as guerras de descolonização, tinham o objetivo, transformar uma colônia em um Estado, nos moldes de um Estado europeu.

Além disso, haviam as guerras de unificação nacional, que visavam a reunificação de comunidades ou Estados que haviam sido separados ao final das grandes guerras mundiais; e guerras de secessão, combatidas por comunidades que não haviam conseguido se integrar e por isso buscavam por independência (HOLSTI, 1996).

Os principais critérios para distinguir as formas de guerras eram: o propósito da guerra; papel dos civis durante a guerra; e as instituições da guerra. Quando dois ou mais critérios mudam fundamentalmente, isso quer dizer que houve uma transformação da guerra. Desde 1648, a guerra passou por três formas essencialmente diferentes. São chamadas de "guerras institucionalizadas", "guerras totais", e guerras de terceiro tipo (HOSLTI, 1996).

As guerras institucionalizadas surgiram da necessidade de estabelecer um controle sobre a conduta de guerra, para administrar os excessos de violência cometidos durante conflitos. Os historiadores caracterizaram essa era como uma "guerra limitada", principalmente porque houve grandes esforços para impor regras mais rigorosas de conduta para soldados e seus líderes, além de que para vencer a guerra era necessário que o adversário assumisse uma posição

² “No original: ‘No single crisis precipitates them, and they typically do not start at a particular date. There are no declarations of war, there are no seasons for campaigning, and few end with peace treaties. Decisive battles are few. Attrition, terror, psychology, and actions against civilians highlight “combat”. Rather than highly organized armed forces based on a strict command hierarchy, wars are fought by loosely knit groups of regulars, irregulars, cells, and not infrequently by locally-based warlords under little or no central authority.’”

defensiva, evitando aniquilá-lo. Haviam também regras não escritas que faziam uma clara separação entre soldados e civis.

“Os objetivos diplomáticos deveriam ser alcançados por vitórias militares sobre as forças armadas de um adversário, não por travar uma guerra contra civis. [...] As considerações financeiras também dominaram a estratégia e as táticas. Exércitos e frotas permanentes representavam um imenso investimento que não podia ser desperdiçado em orgias de violência descontrolada. (HOLSTI, 1996, p.29 – tradução nossa).”³

A guerra, como instrumento de política de Estado, tinha como objetivo de combate, forçar a rendição do adversário. Outras regras impostas foram, as de que as tropas tinham que usar a identificação adequada e suas armas tinham que ser carregadas de forma com que pudesse ser visível para o adversário. Porém a regra mais importante, era a de que a guerra deveria ser uma atividade autossuficiente, não podendo atrapalhar a vida civil.

O comércio, as viagens, e outras formas de contato entre as sociedades permaneciam normais durante a guerra. De acordo com Frederick II, a guerra ideal era aquela em que civis nem sequer sabiam que existia (HOLSTI, 1996).

Essas regras estabeleceram os direitos e restrições sobre as formas de ajuda disponíveis aos não combatentes. A distinção clara entre soldados e civis e sua separação na guerra, foram levados para outros Estados. Era possível negociar com os beligerantes, e principalmente os civis, tinham o direito de passagem naval, porém não podiam vender armas e outros tipos de material, nem permitir que tropas dos beligerantes passassem pelos seus territórios. Todas essas leis da guerra demonstravam que ela estava totalmente institucionalizada (HOSLTI, 1996).

Os Estados continuaram a afirmar que somente eles mantinham um monopólio sobre o uso da força, os soldados tinham que usar marcas de identificação adequadas, já não poderiam esconder armas. O livro de guerra alemão “Da Guerra” de Carl von Clausewitz, (1832) do final do século XIX, contém os regulamentos que descrevem a conduta de guerra adequada. As leis da guerra eram bem claras, fazendo distinção entre a guerra e a paz, soldado e civis, beligerante e neutro. Essas leis eram o resultado de negociações internacionais.

Porém, com as guerras totais, a guerra institucionalizada começou a se desfazer. A guerra já não ficava somente sobre a terra, dois novos ambientes para a guerra surgiram: sob o mar e no ar, e ambos levavam a vítimas civis. Como a guerra - esperada em 1914 para durar não mais do que alguns meses - entrou no estágio de desgaste, objetivos estratégicos mudaram de infligir vitórias decisivas no campo de guerra, para acabar definitivamente com a capacidade

³ “No original: Diplomatic goals were to be achieved by military victories over an adversary's armed forces, not by waging war against civilians. [...] financial considerations also dominated strategy and tactics. Permanent armies and fleets represented an immense investment that could not be squandered in orgies of uncontrolled violence.”

do adversário de continuar com a guerra. Isso significava atacar alvos não-militares. Se uma "nação" estava indo para a guerra, então uma "nação" teria que suportar as consequências (HOLSTI, 1996).

“Durante a Segunda Guerra Mundial, os civis começaram a ser os alvos da guerra deliberadamente, o terror passou a ser uma estratégia e para ganhar uma guerra não era mais só necessário acabar com as forças armadas como também destruir a moral dos civis (HOLSTI, 1996, p.35 – tradução nossa).”⁴

Começaram então a bombardear locais populares, independentemente de serem áreas com algum significado militar. É possível perceber que a maioria das leis e restrições implantadas nas guerras institucionalizadas eram ignoradas, negociações e tratados de paz foram substituídos por doutrinas de rendição incondicional.

O século XXI mostra que a guerra entre Estados está em profundo declínio, abrindo espaço para as guerras periféricas. De acordo com Huntington, “A rivalidade das superpotências e substituída pelo choque das civilizações”. Em conflitos internos, as ações de grupos armados, em países com diferenças étnicas, culturais e religiosas tornam-se cada vez mais sérios. A maioria desses conflitos passaram a ser travados principalmente em antigas colônias, seus objetivos deixavam de ser exclusivamente sobre política internacional, passando a envolver também questões de criação de novos Estados e consolidação de sua soberania. O declínio dos conflitos interestatais se deve principalmente ao fato de que as grandes potências evitavam entrar em uma guerra direta, principalmente depois da introdução das armas nucleares. Ter armas nucleares representa projeção de força no cenário internacional e poder de dissuasão (BELLINTANI, 2014).

A literatura sobre a guerra afirmava que o problema da mesma era um fenômeno entre grandes potências. Porém, a partir de 1945, devido ao fato das grandes potências evitarem entrar em conflitos diretos, a atenção do sistema internacional passou a ser nos conflitos internos, e nas ações de grupos armados, em países com diferenças étnicas, culturais e religiosas.

Porém, a preocupação com segurança permanece inalterada nas relações internacionais, mesmo com a maior interdependência e com pouca ou nenhuma probabilidade de guerra total (BELLINTANI, 2014).

⁴ “During World War II, however, civilians became deliberate targets of war. Terror became a component of strategic thinking. To win a war, it was no longer necessary only to inflict defeats on armed forces. Civilian morale had to be destroyed as well (HOLSTI,1996).”

2.2 GUERRA DE TERCEIRO TIPO / GUERRA DOS POVOS

O conceito de guerra de terceiro tipo foi introduzido por Kalevi Holsti, em seu livro “The State, War, and the State of War”, onde o autor faz uma tipificação das guerras em institucionais, totais e guerras de terceiro tipo. Holsti argumenta que, a partir de 1945, embora as guerras entre Estados tenham diminuído, sendo quase inexistentes, não foi possível limitar as guerras intraestatais.

De acordo com o autor, as “guerras de terceiro tipo” são guerras com características revolucionárias, sendo guerras de libertação nacional, civis, ou até de secessão. Há uma mudança clara em relação à guerra, como se percebe na seguinte citação:

As manifestações simbólicas de transformação guerra são claras: em “guerras de terceiro tipo” não existem frentes, não há campanhas, nem bases, nem uniformes, nem pontos de apoio, e não há respeito pelos limites territoriais (Van Creveld 1991: 206). Não há nenhuma estratégia nem táticas definidas. Inovação, surpresa e imprevisibilidade são necessidades e virtudes (HOLSTI, 1996, p. 36 –tradução nossa).⁵

As “guerras de terceiro tipo” também são conhecidas como as “guerras dos povos”, e como o nome sugere, apresenta uma ligação fundamentalmente diferente entre combatentes e civis. Para grupos e comunidades, a sua principal força reside na população civil; ela é a principal fonte de sua força de trabalho, apoio logístico e de inteligência, porém, os civis também se tornam os alvos principais. Há também o uso do terror, pois na medida em que o controle sobre o território é um valor fundamental, as populações civis são os objetos de despejo, estupro, massacres, e “limpeza étnica”, é onde a regra de neutralidade e a distinção entre civil e militar desaparecem.

Se nas guerras institucionalizadas, a distinção entre Estado, forças armadas e sociedade era a algo bem claro, na guerra dos povos essa distinção se dissolve. O número de vítimas revela essa mudança nos conflitos armados.

Em guerra de terceiro tipo, as leis de neutralidade não se aplicam mais porque aqueles que são militarmente fracos precisam de apoio exterior para conseguir armas, para suporte logístico e refúgio. Comerciantes de armas, carteis de droga, a simpatizantes estrangeiros organizados em grupos de apoio transformam a guerra local em conflitos transnacionais (HOLSTI, 1996).

⁵ The symbolic manifestations of war transformation are clear: in wars of the “third kind”, there are no front, no campaigns, no bases, no uniforms, no publicly displayed honors, no *points d'appui*, and no respect for the territorial limits of states (Van Creveld 1991: 206). There are no set strategies and tactics. Innovation, surprise, and unpredictability are necessities and virtues (HOLSTI, 1996, p. 36).

Nas guerras contemporâneas, os motivos dos conflitos também divergem dos propósitos das guerras antigas. As guerras com objetivos de libertação nacional, de unificação ou secessão, são guerra pré-estatais, que visam a criação de um Estado por várias razões, sendo que uma das principais razões é a criação de um país para uma determinada comunidade.

Nas guerras dos povos não há uma distinção entre os combatentes e a população civil; áreas que antes eram consideradas neutras e não sofriam ataques, como escolas, igrejas, vilas, estradas e escritórios do governo, viram alvos com o intuito de fazer com que os civis virem revolucionários, influencia-los a lutarem pela causa nacionalista.

A população civil acaba se tornando não só um dos maiores alvos de operações, mas também um novo tipo de ator com um fim importante na guerra. Como bem enfatizado por Holsti,

A guerra dos povos é fundamentalmente sobre as pessoas, e não interesses, são as pessoas, ao invés dos combatentes, que pagam o preço. As regras impostas às forças armadas no século XVIII desaparecem, e a paz é difícil de conseguir, porque invés de interesses, identidades, psicologia, cultura e criação do estado e sobrevivência estão envolvidos (HOLSTI, 1996 p. 39-40 – tradução nossa).⁶

O fato de que as guerras a partir de 1945 de certa forma ignorarem o modo institucionalizado das guerras, acaba dando abertura para novas estratégias de guerra que envolvem atores que antes eram excluídos do combate, como mulheres e crianças.

Segundo Holsti (1996) as guerras de terceiro tipo irão continuar predominando no sistema internacional, pelo fato de que em várias regiões do mundo o problema da soberania, e a relação do Estado com as nações, comunidades e indivíduos que o constituem ainda não foi resolvido com a descolonização. Estados que tenham fragilidades em relação a sua legitimidade continuaram sendo locais de guerra, como é o caso de países da África que tiveram um processo de descolonização tardia, como a República Democrática do Congo, ou do Sudão do Sul.

Assim, pode-se perceber que ao fim da Guerra Fria, consolida-se uma nova conjuntura internacional, onde o Estado já não possui mais o monopólio do uso da força, e há o aumento das ameaças não-estatais à segurança internacional, além dos novos desafios para a população civil. Em face destes novos desafios, há uma preocupação em como responder aos desafios para a população, com isso, a questão sobre o alargamento dos debates sobre segurança internacional, entra de maneira assertiva para a pauta da agenda internacional, que passa a incluir a segurança dos indivíduos.

⁶ Peoples' wars are fundamentally about people, not "interests"; it is the people rather than the combatants who pay most of the price. Discipline typical of eighteenth-century armed forces has vanished, and peace is difficult to achieve because instead of interests, identities, psychology, culture, and state creation and survival are involved.

2.3 AS NOVAS DIMENSÕES DOS ESTUDOS DE SEGURANÇA

Segundo Buzan e Hansen (2009), os estudos de Segurança Internacional surgiram após a segunda Guerra Mundial como uma forma de debate sobre as ameaças contra os Estados, buscando meios para protegê-los. Porém, até o fim do século XX, o Estado era o principal foco de estudos, sendo o único ator a ser protegido. Assim, de acordo com Blanco (2014):

“[...] os estudos sobre segurança seguiram uma linha de pesquisa com um caráter mais militarista, voltado à estratégia. Sob essa ótica, a principal ameaça à segurança internacional consistia essencialmente em elementos que afetassem a segurança estatal, como, por exemplo, a proliferação nuclear ou um conflito armado aberto entre dois Estados beligerantes (BLANCO, 2014).”

Durante a Guerra Fria, a segurança internacional era dominada pelo confronto ideológico altamente militarizado entre as superpotências. Este confronto dividiu o norte industrializado em Primeiro Mundo (ou o Ocidente) e Segundo Mundo (bloco soviético). A rivalidade entre essas duas potências era tão grande, que a possibilidade de uma guerra entre as duas era certa, fazendo com que a agenda de segurança fosse voltada principalmente para estudos estratégicos, militares e políticos (BUZAN, 1991).

Porém, entre o final do século XX e começo do século XXI, já era possível perceber que a agenda de segurança entre as grandes potências deixaria de ser inteiramente focada em assuntos políticos/militares. A partir desse período, os estudos de segurança se solidificaram, passando por um período de desenvolvimento, onde a ideia de segurança sofre um aprofundamento, além do foco em outras áreas, o Estado deixa de ser o único ator estudado, sendo que os indivíduos passam a ser considerados atores que precisam ser protegidos.

O momento pelo qual o sistema internacional passava, teve influência para que novos temas fossem introduzidos nos estudos de segurança. Com a diminuição de conflitos interestatais, abre-se espaço para uma nova conjuntura política, assim, problemas relativos à ecologia, economia, questões identitárias e humanitárias, bem como diversos assuntos de ordem social entram na pauta da produção teórica de segurança internacional (DUARTE; GODOI; YAMADA, 2014).

De acordo com Buzan e Hansen (2009), outros acontecimentos marcantes para o alargamento dos temas sobre segurança, foram os atentados do 11 de setembro de 2001, e a partir desse ponto, a guerra global ao terrorismo, acontecimentos que abriram novos debates dentro da agenda de segurança internacional (SI). Estudos mais antigos tratavam o terrorismo

como um problema periférico em relação aos interesses dos estudos de SI, e não como um problema central. Mas o fato de que este ataque foi contra uma grande potência, e a resposta dada ao ataque, fizeram com que não só os debates sobre terrorismo, mas também debates sobre religião, que já estavam em curso, aumentassem significativamente e fossem inclusos na agenda sobre segurança.

A partir desses ataques, questões como segurança regional, tecnologia e segurança no Oriente Médio, foram estudados mais a fundo. O foco dos estudos em relação à segurança regional, iam desde a proliferação nuclear nas regiões mais frágeis do Sul e Sudeste da Ásia, Ásia Central e África, até as guerras internas que ocorriam no Terceiro Mundo. Houve também um interesse pelos estudos sobre manutenção da paz e desenvolvimento de Estados fracos e/ou falidos, focando em intervenções humanitárias, principalmente em conflitos que ameaçassem os direitos humanos (ALENCAR, 2015).

2.3.1 O conceito de segurança humana

O conceito de segurança humana surgiu a partir do relatório anual do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 1994. O relatório - Informes sobre o Desenvolvimento Humano - afirma que o conceito de segurança até então era muito limitado a questões sobre agressões externas ao território, proteção de interesses nacionais em políticas internacionais, segurança global em relação a ameaça de holocausto nuclear, ou seja, seu ponto central era a segurança dos Estados-nações, e não os indivíduos (PNUD, 1994).

Devido a essa limitação, a concepção original do relatório visava à expansão dos estudos de segurança para várias dimensões, sendo que a "lógica da segurança" deveria ir além da defesa territorial, interesses nacionais, ou dissuasão nuclear, devendo incluir também "preocupações universais" e a prevenção de conflitos (BUZAN; HANSEN, 2009).

Segundo o PNUD, as nações em desenvolvimento, haviam recém conseguido a sua independência, então eram sensíveis a quaisquer ameaças em relação a suas frágeis identidades nacionais. Porém, para a maioria das pessoas, a insegurança resultava muito mais de preocupações da vida cotidiana (como doenças, fome, desemprego, crimes, conflitos sociais, repressão política e problemas ambientais) do que da possibilidade de um evento cataclísmico.

Por isso o conceito de Segurança Humana possuía dois aspectos principais: manter as pessoas a salvo de ameaças crônicas como a fome, as doenças, a repressão, o que ficou conhecido como "*freedom from want*", e protegê-las de mudanças súbitas e nocivas nos padrões da vida cotidiana, por exemplo, das guerras, dos genocídios e das limpezas étnicas, ou "*freedom from fear*" (OLIVEIRA, 2009).

A segurança humana já se encontra na agenda política de vários Estados, organizações governamentais, não-governamentais internacionais e principalmente das Nações Unidas. Seu conceito vai além da militarização, estando ligada também ao bem-estar, justiça e dignidade humana; estando interligado com os Direitos Humanos e o desenvolvimento, garantindo a proteção dos indivíduos (ALENCAR, 2015).

Hampson (2008) argumenta que a três concepções diferentes sobre a segurança humana que norteiam os debates atualmente. O primeiro conceito pode ser definido como aquele que segue os direitos naturais dos homens na ordem internacional, direitos que garante o direito individual das pessoas a vida, a liberdade, e a procura pelo bem-estar.

O segundo conceito refere-se a visão de ajuda humanitária, em ações de prevenção a casos de genocídio, crimes de guerra, e banimentos de armas que podem ser perigosas para as pessoas. O último conceito, é o de que a segurança humana deve ser construída de forma a incluir economicamente, ambientalmente e socialmente as pessoas dentro uma esfera em que o seu bem-estar seja preservado.

Além disso, como observado por Buzan e Hansen (2009) anteriormente, os estudos de segurança humana passam a se expandir para outras dimensões, possuindo sete elementos principais de análise, que de acordo com Oliveira (2009), podem ser identificados da seguinte maneira:

1) segurança econômica: garantir o ingresso básico em um trabalho produtivo e remunerado; os recursos mínimos e a necessidade de se resolver os problemas estruturais, entre eles, o desemprego, a desigualdade socioeconômica e o trabalho precário;

2) segurança alimentar: todas as pessoas devem ter acesso aos alimentos básicos. O documento enfatiza que a fome não é causada somente pela ausência, mas pela má distribuição dos alimentos;

3) segurança sanitária: as epidemias, a falta de água potável, os acidentes de trânsito, o câncer, dentre outros problemas, são analisados no relatório com a ênfase de que as ameaças sanitárias são maiores em áreas de pobreza. O relatório cita que 17 milhões de pessoas morrem por ano, nos países em desenvolvimento, em decorrência de doenças contagiosas e parasitárias, como diarreia, tuberculose e infecções respiratórias agudas;

4) segurança ambiental: o desmatamento, a poluição do ar e da água, enfim, os processos de degradação de ecossistemas. O relatório destaca que a escassez de água pode se tornar um fator causador de conflitos étnicos e políticos;

5) segurança pessoal: segurança frente à violência física, seja do Estado (tortura), de outros Estados (guerra), de outros indivíduos (violência urbana, crimes, tráfico de drogas). A violência contra a mulher, crianças e os suicídios, também são citados nesse item;

6) segurança comunitária: as pessoas necessitam ter segurança de manifestar a sua identidade cultural e conjunto de valores em conjunto com a sua família, comunidade, organização, grupo étnico. Lutas inter-étnicas, limpeza étnica e questões indígenas são tratadas nesse ponto;

7) segurança política: são apontados tanto os direitos humanos dos cidadãos num Estado, como os elementos que impedem a sua efetivação: a repressão política por parte do Estado, a tortura, os desaparecimentos, as detenções ilegais, etc.

O conceito básico de segurança humana possui quatro características essenciais: (i) é universal; (ii) é interdependente; (iii) é mais fácil de assegurar, através de prevenção precoce e (iv) tem como foco as pessoas. A característica que melhor define os novos temas de segurança é a interdependência, que mostra que os sete elementos de segurança humana possuem vínculos e uma ameaça contra qualquer um desses elementos pode propagar-se para os outros. Portanto, para a Segurança Humana, as ameaças provêm tanto de outros Estados, como de outros atores não-estatais ou das relações estruturais de poder, nos seus mais diferentes níveis (OLIVEIRA, 2009).

Nos estudos de Relações Internacionais a segurança humana é considerada como uma nova teoria, ganhando destaque por seguir a ideia de que os direitos dos seres humanos são tão importantes quanto os direitos dos Estados.

Essa teoria teve um grande destaque durante o período da Guerra Fria, porque a maioria das casualidades da guerra afetaram a população civil. Muitas crianças passaram a ser recrutadas para serem soldados, e o estupro se tornou uma prática comum. Sendo assim, a segurança humana passou a fazer parte da agenda internacional com a tentativa de responder a uma realidade global de Estados falidos (ALENCAR, 2015).

Paralelo aos estudos de segurança humana, os debates sobre o terrorismo aumentaram nos últimos anos, principalmente após o 11 de setembro de 2001. De certa forma os estudos sobre o terrorismo está ligado a ameaças à segurança humana. Ao olhar para a concepção do terrorismo em todo o mundo, isso geralmente ocorre em conjunto com a negação dos direitos humanos básicos (CALLAWAY; STEPHENS, 2005).

No terrorismo a população civil é a principal vítima de ataques, o que configura uma violação de seus direitos humanos. No terrorismo contemporâneo podemos perceber uma clara violação de um dos principais elementos da segurança humana, que é a segurança pessoal. A

prática do terrorismo pode envolver crimes contra a integridade física e psicológica das pessoas, já que grupos terroristas não se importam em utilizar métodos de tortura contra a população civil ou em inimigos capturados.

Grupos terroristas se tornaram uma das principais ameaças à população na atualidade. A forma como espalham o terror, com imagens de tortura e assassinato, faz com que muitas comunidades queiram evitar confrontos, e acabam fugindo de suas regiões, gerando um grande fluxo de refugiados.

Alguns grupos terroristas, como o ISIS, também recorrem a limpeza étnica, utilizando diferentes métodos para isso, como convertendo as pessoas a sua ideologia extremista, sendo por meio de ameaças ou doutrinando-as desde cedo como é o caso das crianças, ou matando qualquer pessoa que se recuse a converter a sua ideologia.

No próximo tópico o tema do terrorismo será estudado a fundo, a fim de tentar entender a atual conjuntura do fenômeno, e como o ISIS se encaixa como um grupo terrorista.

2.4 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO

O terrorismo surge como um dos principais fenômenos políticos para a agenda de segurança internacional nos séculos XIX e XX, principalmente como instrumento de demanda política, deixando de ser uma exclusividade dos Estados para se tornar uma ação usada por atores não estatais, como grupos nacionalistas, anarquistas e revolucionários (SUAREZ, 2012).

Durante o século XX, o terrorismo se espalhou como um instrumento de ação política, compartilhado tanto por atores estatais quanto por não estatais. Porém, após os atentados de 11/09 foi possível notar a real dimensão da ameaça que o terrorismo contemporâneo se tornou. Uma das características mais associadas ao terrorismo global é o seu maior potencial de letalidade, tendo sido notado um aumento no número de mortos por atentado (RABELLO, 2007). Além disso, as organizações terroristas já não dependem do Estado, não se constituem em torno dele. Esse desligamento com o Estado teve reflexos na prática do terrorismo, não só no seu modo de organização como também nas suas motivações.

O terrorismo internacional contemporâneo tem como características: uma organização descentralizada; a utilização de tecnologias de última geração; a inserção no sistema financeiro internacional; e o uso dos meios de comunicação em tempo real (SUAREZ, 2012).

Com essa organização descentralizada, o terrorismo passa a se organizar em diversos grupos espalhados pelo mundo, muitas vezes não tendo contato um com o outro. Para espalhar sua visão e seus conhecimentos, indivíduos são treinados por uma matriz a fim de levar as práticas terroristas para outros lugares, ou ainda, grupos fazem uso das tecnologias de última

geração para espalhar seus discursos via meios de comunicação em tempo real, como a internet e redes sociais, ou na televisão.

As reivindicações dos grupos terroristas não se limitam mais a causas centradas na estrutura estatal. Nas últimas décadas, o terrorismo tem passado a fazer demandas em nível global, sendo uma delas seria a criação de um Estado muçulmano único. Para alcançar esse objetivo, grupos terroristas vêm apoiando grupos rebeldes em países de origem muçulmana, visando a destituição de seus atuais líderes, a fim de unificar todos os muçulmanos do mundo sob um único regime, seguindo uma interpretação mais radical do Islã (RABELLO, 2007).

A partir dessa visão de mundo unificado a partir do Islã, é possível observar uma nova característica em relação às motivações do terrorismo contemporâneo, que é a religião. Essa relação entre religião e terrorismo não é uma novidade do século XXI, porém, ela acabou se tornando uma característica definidora do terrorismo contemporâneo.

De acordo com Hoffman (2006) essa relação pode ser traçada há mais de dois mil anos, com grupos terroristas como os Sicarii e os Assassinos, sendo que este último, um grupo formado por muçulmanos xiitas, têm especial relevância para associações com o terrorismo contemporâneo. Isso porque o grupo faz uma interpretação da religião islâmica, que legitima o uso da violência, onde a ideia de sacrifício era vista como um dever divino ordenado pelos textos sagrados, características que podem ser identificadas atualmente no terrorismo ligado ao extremismo islâmico. A visão desse grupo tem inúmeras semelhanças com o terrorismo religioso associado ao islamismo na atualidade. (Apud RABELLO, 2007, p. 32).

Um fenômeno que está ligado ao risco de emprego de armas de destruição em massa é o fanatismo religioso. De acordo com Laqueur (1999), embora não seja uma nova característica, o fanatismo religioso aparece como o principal elemento distintivo do terrorismo contemporâneo. A diferença agora seria uma nova tendência, que começou na década de 1990, que é o fato dos grupos agirem com motivações de radicalismo religioso com ideia apocalípticas, onde o objetivo é o de provocar a maior destruição possível até chegar a um fim.

Esse novo aspecto aumenta a possibilidade de uso de armas de destruição em massa por parte de terroristas. E embora exemplo de fanatismo religioso sejam mais aparentes em grupos islâmicos, esse fenômeno não é exclusivo desse grupo, podendo acontecer em qualquer grupo religioso (LAQUEUR, 1999).

Neste sentido, a violência é vista com um ato de sacrifício, ou uma dívida divina, sendo parte dos ensinamentos da religião, fazendo então, com que a religião seja um mecanismo de legitimação para o uso da violência por parte desses grupos. Além disso, essa base religiosa do terrorismo contemporâneo, abre espaço para que a violência possa ser dirigida para um maior

número de inimigos, que são vistos como qualquer um que não siga os ensinamentos da religião de determinado grupos terroristas.

Os métodos de violência adotados pela Al Qaeda apresentaram outra característica para o terrorismo contemporâneo: a prática do martírio religioso em missões suicidas como estratégia potencialmente letal do uso da violência. Desde os primeiros planos executados pela organização terrorista idealizada por Osama Bin Laden, já se podia perceber um claro aumento de potencial destrutivo do terrorismo internacional (RABELLO, 2007).

O terrorismo suicida, como é denominado esse tipo de missão, é utilizado por sua eficiência e por gerar resultados imediatos. É um método que conta com a imprevisibilidade, por isso é capaz de espalhar o medo por populações inteiras, no mundo todo, sendo vista como a arma mais poderosa de grupos terroristas.

Embora a maior preocupação em relação aos grupos terroristas seja a busca dos mesmo por armas de destruição em massa, o que se tem notado com maior frequência, é a transformação da infraestrutura do mundo globalizado em potenciais armas letais (RABELLO, 2007). Os grupos terroristas têm utilizado métodos de destruição que são capazes de provocar um grande número de mortes. Os métodos mais comuns são a utilização de caminhões e carros para ataques à população civil nas ruas, ataques suicidas com homens-bomba, ou até mesmo os métodos utilizados no 11 de setembro, com o sequestro de aviões, onde foi possível notar que a facilidade de transporte de pessoas e informação também pode ser um perigo para o sistema internacional.

Os grupos terroristas utilizam também, novas tecnologias para ter acesso mais rápido e mais amplo de alvos, em diferentes territórios, além de utiliza-los para recrutamento de novos membros. Um exemplo seria o uso da internet para acessar e espalhar informações, planejar ataques e divulgar a ideologia terrorista.

Assim, utilizando-se da religião para legitimar suas ações, e tendo acesso a essas novas tecnologias, é possível que as ações de um grupo terrorista podem ficar cada vez mais imprevisível, aumentando a ameaça.

Um exemplo de grupo terrorista que reúne todas essas características é a Al Qaeda. Esse grupo é capaz de se organizar em redes espalhadas pelo mundo inteiro, em diferentes continentes, chegando a influenciar indivíduos que nasceram e foram criados em comunidades muçulmanas em diáspora em países europeus, indivíduos que teriam sido formados pela estrutura educacional desses países e supostamente integrados à sua cultura. Isso os torna ainda mais difíceis de os identificar como possíveis terroristas (RABELLO, 2007).

Ao longo dos últimos anos, a Al Qaeda vem perdendo força, e outro grupo vem sendo o foco principal dos estudos sobre terrorismo, o ISIS. Esse grupo surge após a invasão dos EUA no Iraque, sendo criado por antigos membros sobreviventes da Al Qaeda. Embora no começo fosse um grupo frágil, logo em 2011, já começa uma rebelião na Síria, ganhando força e tomando várias cidades não só na Síria como também no norte do Iraque. Como será exposto no próximo capítulo, seu objetivo é a criação de um califado, enquanto afirma ter autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo.

O Conselho de Segurança declarou, na Resolução 2170, que o ISIS é um grupo terrorista pois utiliza de extrema violência direta contra civis, e soldados capturados, violando seus direitos e operando de forma ilegítima e brutal dentro do território de dois países extremamente turbulentos. Há uma preocupação do Conselho em relação aos métodos do grupo, pois devido à instabilidade da região, essa brutalidade pode vir a se expandir para outras regiões, visto que o objetivo-maior do grupo é a construção de um Estado que ultrapasse fronteiras. Há também uma preocupação com a possibilidade dos membros do grupo de se infiltrar e criar bases em nações vizinhas, o que configura em uma ameaça real para os Estados e sua soberania.

O ISIS segue praticando o extermínio, não só contra cristãos e judeus, mas, sobretudo, contra comunidades muçulmanas, designadamente Xiitas, Curdos, Alauitas e Yazidis, naquilo que as autoridades internacionais descrevem como uma “limpeza étnica” e a ONU como “crimes contra a Humanidade”. O grupo faz usos das táticas de terror de forma extrema, pois acredita que o terror é justificado pelo seu ideal religioso, sendo também um fator importante para a sua estratégia de expansão, pelo efeito “desmobilizador” que procura obter juntos das populações e das forças opositoras, designadamente, entre os contingentes governamentais sírios e iraquianos (TOMÉ, 2015).

De acordo com o Global Terrorism Index, o ISIS é, atualmente, um dos 5 grupos mais perigosos e letais do mundo. Em 2014, o grupo matou 5,002 pessoas a mais do que no ano anterior, sendo que maioria dos ataques do grupo tem como alvo os civis, que em 2014, representaram 44% das mortes, sendo que mais da metade dos ataques foi na forma de sequestros e assassinatos.

O grupo utiliza a internet para espalhar vídeos e fotos de agressões contra a população civil, e de seus métodos de tortura, para alcançar o maior número de pessoas pelo mundo e assim difundir o medo na população, fazendo com que o grupo seja temido pelos seus atos de brutalidade. Assim o ISIS é classificado como um grupo terrorista, que executa atos inumanos de tortura e violência, tais como: estupro, escravidão sexual, crucificação, mutilação e

carbonização de forma brutal, violando as normas dos direitos humanos, e causando pânico na sociedade mundial.

O ISIS, vem se adaptando a uma sociedade cada vez mais moderna, utilizando das novas tecnologias de forma mais modernizada, tendo um alcance ainda mais amplo que outras organizações terroristas.

2.4.1 Instrumentalização Política do Terrorismo

Embora haja um consenso em relação ao aumento da ameaça do terrorismo na atualidade, ainda há um grande impasse em relação a uma definição única para o conceito de terrorismo, visto que há muitos elementos incluídos nesse tema, estando ligado aos diferentes debates no meio acadêmico, alguns envolvendo formas de entender o terrorismo com relação ao seu contexto histórico e a evolução do fenômeno na história.

Um reflexo desse impasse são as diversas nomenclaturas para descrever esse tipo de violência, tais como: terrorismo nuclear, biológico, químico; ou islâmico, messiânico, conservador, revolucionário, nacionalista, entre outros (SUAREZ, 2012).

Porém, é preciso observar até que ponto é possível considerar que o conceito de terrorismo é compreendido igualmente em distintos contextos políticos. Isto porque de acordo com Suarez (2012),

“O conceito, quando instrumentalizado, se torna um elemento eficaz para a formulação de práticas de poder sob a forma do discurso político. Um exemplo são os Estados Unidos, que vêm instrumentalizando o conceito de terrorismo com o objetivo de legitimar uma política de segurança universalista, de matriz neoconservadora (SUAREZ, 2012, p.131.).”

Alguns autores tentam explicar como aconteceu a instrumentalização do conceito político de terrorismo, e como isso influenciou nas agendas políticas e de segurança de diversos países, principalmente do EUA.

De acordo com Jenkins (apud RABELLO, 2007, p.19), o terrorismo pode ser definido como um fenômeno com caráter indiscriminado da violência, se caracterizando pelo desrespeito às normas que limitam o uso da força entre os Estados – desde a relação à escolha de alvos não militares, até o fato de ignorar as zonas neutras e períodos onde não existe conflito declarado, até ao uso de armas e táticas não convencionais e a imprevisibilidade dos ataques. Outro fator importante é a intenção de provocar medo, de aterrorizar uma audiência maior do que as vítimas diretas dos ataques (RABELLO, 2007). Essas características podem ser observadas principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, onde o terrorismo apresenta

também um novo aspecto, tornando-se um fenômeno de cunho político, sendo denominado terrorismo global, adquirindo uma característica mais específica, que acabou resultando na declaração da *Global War on Terror*.⁷

Embora seja possível observar essas novas características, um dos desafios que se mantem nos estudos sobre terrorismo é chegar a uma definição do mesmo, isso porque o tema pode ser tratado de duas formas: ou com uma definição aceita universalmente, ou de maneira particular e condicionada pelo contexto político no qual cada ator está inserido (SUAREZ, 2013).

O tema do terrorismo acaba sendo um assunto muito complexo, devido à falta de uma definição que seja legítima política e legalmente, não só para o terrorismo em si, mas também para os atores terroristas. A falta de uma definição amplia as justificativas para intervenções no cenário internacional, fazendo com que seja possível por meio de discursos políticos, instrumentalizar a definição de acordo com os interesses de cada ator.

Outro fator importante para a análise do tema é a interdependência entre o contexto e os discursos políticos, isto é tanto o discurso interfere no contexto como o contexto determina o discurso político. Sendo assim é necessário observar o contexto político internacional dos últimos 20 anos, a fim de entender o papel do terrorismo atualmente no sistema internacional.

No período da Guerra fria, o conflito entre EUA e URSS era conveniente no sentido que fornecia justificativas para intervenções no cenário internacional. Enquanto os EUA tentavam combater uma suposta “ameaça comunista” para manter o equilíbrio do poder, a URSS tentava defender seu território conquistado na Segunda Guerra Mundial. Assim, durante esse período, a ameaça à estabilidade internacional consistia na disputa ideológica entre determinados países, seguindo os antigos moldes de guerra, em que se sabiam quem eram os inimigos, onde eles estavam, e como atuavam (ROCHA, 2016).

Com o fim da Guerra Fria e a dissolução da URSS, as ameaças ao sistema internacional já não eram tão evidentes, perde-se então um inimigo existencial, e os EUA já não têm mais uma justificativa que legitimasse sua influência no sistema internacional, ou algo que justificasse tanto a presença de suas tropas militares em parte da Ásia e Europa, como ainda os altos orçamentos do governo para investimentos no setor de defesa. Portanto, como não há mais um inimigo existencial, ou um grande evento que desestabilize o sistema internacional, é

⁷ Guerra ao Terror ou Guerra ao Terrorismo é uma campanha militar desencadeada pelos Estados Unidos, em resposta aos ataques de 11 de setembro. O então Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, declarou a "Guerra ao Terror" como parte de sua estratégia global de combate ao terrorismo.

necessário que haja algo que ameace essa estabilidade, para que seja possível legitimar as políticas de intervenção.

Sendo um tema com um caráter geral e sem uma definição concreta, o terrorismo passa a ser o foco do discurso de vários governos, após os atentados de 11 de setembro de 2001, principalmente do governo americano. Isso acontece pelo fato do terrorismo ser um tema onde não há limites para interpretações, fazendo com que a sua definição seja elaborada de maneira que garanta os interesses de diferentes atores, de acordo com seus contextos políticos.

Em relação às análises em torno da instrumentalização política realizada nos discursos sobre a agenda de segurança, os estudos da Escola de Copenhagen,⁸ principalmente seu conceito sobre securitização, são talvez as principais contribuições para entendermos os impactos dessa instrumentalização.

De acordo com esses estudos, há dois conceitos importantes para os estudos de segurança: o de ameaça existencial (*existencial threat*) e o de medidas de emergência (*emergency measures*). Ambas permitem explorar como um determinado ator percebe, identifica, e toma medidas em relação a uma ameaça. Logo o conceito de segurança traz consigo determinadas questões, como segurança de quem, em relação ao que, e contra quem? (SUAREZ, 2013).

Assim, a Escola de Copenhagen introduz o conceito de securitização, que implicaria em um processo, que explica que o movimento ao qual se faz menção é essencialmente político, ou seja, que determinado ator pode ser deslocado de uma posição de não politizado para politizado e, finalmente, securitizado.

A forma como terrorismo vem sendo tratado, especialmente após o 11/09 é através das perspectivas de que o processo discursivo e político que se traduz no conceito de securitização é importante para que possa compreender como o tema do terrorismo é deslocado, por meio do discurso político, para o extremo da securitização, transformando-se em um conceito com uma instrumentalização política. A forma encontrada para fazer essa análise foi estabelecendo a possibilidade de decompor o discurso político em quatro modos de percepção legitimação: o modo histórico, o modo técnico, o modo civilizacional e o modo normativo (SUAREZ, 2013).

O modo histórico, por exemplo, procura legitimar os discursos políticos com base na história, fazendo uma análise do fenômeno político do terrorismo de acordo com a sua

⁸ Criada em 1985 com a finalidade de promover estudos para a paz—seu nome oficial é Copenhagen Peace Research Institute (COPRI). A perspectiva teórica formulada pela Escola de Copenhague pode ser caracterizada como abrangente, por sustentar que as ameaças à segurança se originam não apenas da esfera militar, mas também das esferas política, econômica, ambiental e societal.

recorrência histórica. Analisando o terrorismo, principalmente o terrorismo islâmico, dois pontos são importantes: a noção de dois mundos, isto é, a divisão entre Oriente e Ocidente; e a explicação de que a incompatibilidade possui raízes na história de ambas as sociedades.

Essa noção de dois mundos implica na separação entre “eu” e o “outro”, ou seja, dois mundos distintos, onde não são compartilhadas as mesmas crenças, hábitos, tradições, cultura, religião (SUAREZ,2013). Essas diferenças levariam a um pensamento um tanto extremista pois o fato de que o “outro” não compartilhar da mesma visão que “eu” seria uma ameaça a própria existência.

Uma visão legitimadora desse discurso é como de James Mill (apud SUAREZ, 2013, p. 86), que mostra a cultura islâmica é desigual e atrasada, o que justificaria uma ocidentalização do Oriente, devido ao distanciamento entre o Islã e a democracia liberal, impossibilitando uma aproximação entre o Ocidente e o Oriente. O conceito de GWOT foi implantada baseada nesta divisão como maneira de encarar esse fenômeno.

A legitimação pelo modo técnico se daria pelo nível da demonstração de que este, associado à pulverização do acesso à tecnologia representa em si uma ameaça inaceitável. É possível considerar que o terrorismo contemporâneo adquire significativa parcela de importância em relação a suas versões mais antigas pela sua capacidade de se relacionar e utilizar os dispositivos técnicos da modernidade. Como visto anteriormente, entre as principais características técnicas do terrorismo contemporâneo estão: a organização descentralizada; utilização de tecnologias de última geração; inserção no mercado financeiro internacional; uso dos meios de comunicação de massa em tempo real.

O modo civilizacional pressupõe que o discurso político busca fundamento na dicotomia pautada sobre a afirmação de que existem incompatibilidades irreconciliáveis entre os processos civilizatórios distintos. Aqui o tema do terrorismo começa a se tornar menos claro, porque as justificativas para a definição de um determinado grupo terrorista ou a análise de suas motivações ganham um elevado grau de incerteza. Essa distorção é causada pela ideia de que existe uma incompatibilidade irreconciliável entre a cultura ocidental e a cultura não ocidental.

Segundo Huntington (1996), no mundo pós-Guerra Fria as distinções mais importantes entre os povos não serão mais só ideológicas ou econômicas, mas sim também culturais. Enquanto o autor acredita que o Ocidente continuará sendo a civilização mais poderosa, ele observa que o seu poder relativo está declinando, e à medida que o Ocidente tenta impor seus valores e proteger seus interesses, as sociedades não ocidentais se defrontam com um dilema, ou seguem o modelo ocidental; ou tentam confronta-lo, e isso irá desencadear os conflitos futuros, de natureza civilizacional.

E por último há o modo normativo, que tenta legitimar o discurso acerca do terrorismo, a partir de uma definição jurídica de terrorismo, pressupondo um trajeto importante para se compreender o papel das Nações Unidas no contexto da guerra global contra o terrorismo, declarada pelos EUA.

Esses modos de percepção/ legitimação têm como objetivo mostrar a importância que diferentes percepções acerca do terrorismo possuem para fornecer legitimidade a políticas de intervenção. Quando analisados separadamente não oferecem muita informação, mas se pensados de maneira articuladas é possível elaborar um discurso político que possui um elevado apelo ao sentido de uma ameaça existencial (SUAREZ, 2013).

Portanto, sendo o terrorismo um fenômeno contemporâneo e com acesso a tecnologias, os grupos e organizações terroristas podem obter acesso às armas de destruição em massa, logo aceitando o terrorismo como um fenômeno enraizado historicamente, se pode afirmar que emerge no horizonte um conflito com proporções civilizacionais e assim é necessário elaborar um conjunto de instrumentos legais que permitam ao Ocidente agir de maneira legítima contra essas ameaça (SUAREZ, 2013).

Utilizando os modos de legitimação podemos fazer uma análise dos discursos do governo dos EUA, pós 11 de setembro de 2001. A partir dessa data a categoria do terrorismo se torna um importante elemento para a formulação das políticas de intervenção no cenário internacional por parte dos EUA, na administração de George W. Bush. Os atentados desencadeiam um conflito no começo do século XXI, onde se insere na dicotomia liberdade e Democracia versus terrorismo e opressão (SUAREZ, 2013).

A partir do 11/09 a mudança de perspectiva do departamento de segurança do EUA é importante para compreender como o terrorismo se tornou o inimigo existencial, não só para os americanos, como para todo o sistema internacional, e que a partir desse evento o fenômeno se encontra no extremo da relação entre não politizado e securitizado, ou seja, se tornou o tema central da agenda de segurança norte-americana.

Como mencionado anteriormente a pulverização do termo terrorismo demonstra como o mesmo - enquanto uma categoria instrumentalizada na forma de conceito do discurso político - é útil pois coloca diversos atores sob o mesmo rótulo. Um exemplo disso são as diferentes organizações que são denominadas como grupos terroristas: as FARC, a Al Qaeda, a IRA, o ISIS. Todas essas organizações possuem objetivos políticos diferentes, estão dentro de contextos políticos diferentes, porém são todas tratadas da mesma forma, como grupos terroristas (SUAREZ, 2013).

A definição de terrorismo na forma de conceito político desconsidera as particularidades políticas, dando enfoque aos aspectos mais visíveis do mesmo, ou seja, a forma de ação e de ataque. Por isso que para compreender o terrorismo é necessário ter em mente dois elementos, o contexto político, e a forma de ação. O governo norte-americano acabou formulando um conceito de terrorismo que permite enquadrar uma grande quantidade de atores nessa categoria. Porém, ao fazer isso, acaba ignorando o contexto de cada um desses atores.

Para entendermos a importância do contexto, voltamos à análise dos processos de securitização. De acordo com Suarez (2013), quando um ator de menor relevância é atraído por um ator maior, o objetivo do primeiro é se tornar um ator securitizado, pois isso permite que ele alcance um certo grau de legitimidade diante do sistema internacional. Vemos aqui a força do contexto, pois, usando a Al-Qaeda como exemplo, a mesma só chegou as proporções atuais, devido não somente aos ataques terroristas, mas por ter levado os EUA, a maior potência mundial, a torna-la um inimigo existencial. Essa é uma das consequências dos processos de securitização, pois os atores periféricos acreditam que o terrorismo é uma ferramenta útil para adquirir relevância no cenário internacional. Ignorar o conceito político na elaboração das políticas de segurança faz com que se perca a noção da dimensão que ações políticas podem adquirir no cenário internacional.

Os estudos sobre o terrorismo contemporâneo se desenvolveram após os atentados de 11/09, tendo um enfoque no terrorismo islâmico. Embora essa definição de terrorismo islâmico possua alguns problemas, por não existir um terrorismo islâmico em sentido específico, o seu conceito tem sido apropriado para legitimar o combate a determinados atores e principalmente legitimar ações de intervenção no cenário internacional.

Após essa análise sobre os novos aspectos das guerras contemporâneas e sua influência no alargamento dos estudos de segurança, até o terrorismo contemporâneo, é possível perceber a necessidade de observar o contexto político de cada ator ou grupo terrorista. No próximo capítulo será feita uma análise com enfoque no surgimento do ISIS, observando seu histórico, seus objetivos, com o intuito de explicar essa organização como um grupo terrorista, e os impactos de suas ações no cenário internacional.

3 ISIS – UM HISTÓRICO SOBRE A CRIAÇÃO DO CALIFADO

Em 10 de junho de 2014, o mundo viu um grupo de insurgentes invadir a cidade de Mossul, no Iraque, derrubando desde bases militares até aeroportos, em um ataque violento, para acabar com as autoridades locais. Dentro de poucas horas, o exército iraquiano já tinha perdido o controle da cidade para os insurgentes, e assim os soldados do ISIS passeavam pelas ruas em grandes caminhões, exibindo armas e aterrorizando os civis iraquianos, fazendo com que vários fugissem do local (KARAM, 2015).

Algumas semanas depois, em 29 de junho de 2014, o ISIS declara a criação de um califado⁹, nas regiões já conquistadas na Síria e no Iraque, exigindo a aliança de todos os povos muçulmanos do mundo, tendo Abu Bakr al-Baghdadi como seu líder, e se auto intitulando “Estado Islâmico”.

O ISIS se tornou um grupo terrorista que representa um perigo iminente para a comunidade internacional, ultrapassando um antigo aliado, a Al Qaeda, pois além de ter uma força de combate eficaz, ideologicamente motivada e sanguinária, vem contando também com uma vasta expansão territorial. Os ideais do grupo são norteados por uma mistura de conceitos modernos e costumes antigos, promovendo um extremismo religioso (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Além disso, o ISIS tem estabelecido alianças com outros grupos terroristas, se responsabilizando por ataques em diversos países, enquanto recrutam e radicalizam com sucesso combatentes do mundo todo, graças a propagação de sua agenda e seus atos nas mídias sociais, enquanto introduz no oriente médio um novo nível de extremismo e brutalidade, com efeitos desestabilizadores, tanto para atores estatais quanto para atores não-estatais.

Para que se seja possível entender como o ISIS opera atualmente, neste capítulo será feita uma análise do seu histórico. Como o ISIS realmente surgiu? Quais são suas raízes e quais eram/são os objetivos de seus fundadores e atuais líderes? Quais são os métodos que utilizam para alcançar tais objetivos.

O capítulo começa com uma explicação sobre as mudanças de nome ao longo da criação da organização, as terminologias utilizadas atualmente, para então seguir-se uma análise sobre o histórico do grupo, seus objetivos, suas metodologias, e sua forma de recrutamento, para que seja possível no próximo capítulo mostrar o recrutamento das crianças-soldados.

⁹ O califado (do árabe خِلافة, transliterado khilāfa) é a forma islâmica monárquica de governo. Representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta islâmico Maomé.

3.1. MUDANÇAS DE NOME E TERMINOLOGIA ATUAL

Desde a sua criação o grupo passou por frequentes mudanças de nome. Durante a liderança de Abu Mussab al-Zarqawi, a organização foi criada com o nome de Jama'at al-Tawhid wal-Jihad, para depois ficar conhecida como o Estado Islâmico no Iraque, e por fim, quando se filiou a al-Qaeda, adotou o nome de al-Qaeda na Mesopotâmia, ou mais comumente conhecida como al-Qaeda no Iraque (AQI) (WEST POINT, 2014).

Quando Abu Bakr al Baghdadi assume a liderança do grupo, decide por voltar às origens, seguindo os planos do antigo líder, assim o grupo volta a se chamar Estado Islâmico no Iraque, com o intuito de enfatizar a liderança de origem iraquiana. Nessa época as forças americanas e iraquianas davam ênfase aos líderes estrangeiros do grupo a fim de deslegitima-los frente aos seus soldados, na esperança de que isso fosse fazer com que os sunitas iraquianos abandonassem o grupo (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Em 2013, o grupo passa por outra mudança, desta vez para al-Dawla al-Islamiya fil-Ira wal-Sham ou Estado Islâmico do Iraque e da Síria¹⁰, isso devido a expansão do grupo para o território sírio. Após a sua fusão com uma parte do Jabhat al Nusra, um grupo jihadista¹¹ sírio afiliado à Al Qaeda, a organização mudou novamente de nome, passando a se chamar de Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al Sham), sendo muitas vezes referenciado como ISIL ou ISIS (NAPOLEONI, 2014).

A última mudança de nome, até o momento, aconteceu em junho de 2014, depois de várias vitórias do grupo, e sua expansão pelas fronteiras do Iraque e da Síria. No primeiro dia do Ramadã¹², o ISIS declara a criação do califado, passando a se chamar apenas Estado Islâmico. Cada termo corresponde a uma fase da organização e aos grandes desenvolvimentos e mudanças importantes no decorrer de sua história (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

A mídia e os políticos ocidentais usam várias denominações para descrever a organização armada liderada por al-Baghdadi. Exemplos seriam o governo estadunidense, que utiliza o acrônimo ISIL, enquanto a mídia estadunidense, como o New York Times prefere o acrônimo ISIS. No Brasil, alguns órgãos da imprensa optaram por Estado Islâmico (CHACRA, 2014).

¹⁰ Em inglês: Islamic State in Iraq and Greater Syria - ISIS

¹¹ Jihad é um termo árabe que significa “luta”, “esforço” ou empenho. É muitas vezes considerado um dos pilares da fé islâmica, que são deveres religiosos destinados a desenvolver o espírito da submissão a Deus. O termo jihad é utilizado para descrever o dever dos muçulmanos de disseminar a fé muçulmana. É também utilizado para indicar a luta pelo desenvolvimento espiritual.

¹² O Ramadã, também grafado Ramadan (em árabe رَمَضَانَ) é o nono mês do calendário islâmico. É o mês durante o qual os muçulmanos praticam o seu jejum ritual (saum, صَوْم), o quarto dos cinco pilares do Islão (arkan al-Islam). A palavra tem origem na palavra árabe “ramida” que significa “ser ardente”.

Em geral, em inglês, o acrônimo ISIS e ISIL soam melhor do que IS, por isso são os mais usados. A relutância dos políticos em usarem a palavra “Estado” vem do receio em legitimar, ainda que com uma palavra, a pretensão do Estado Islâmico de não ser uma organização terrorista, mas um Estado legitimado por uma guerra de conquista (NAPOLEONI, 2014).

Os governos árabes, porém, evitam usar "Estado Islâmico", se referindo ao grupo pelo acrônimo árabe do seu nome original, *Daesh*. Vários residentes de Mossul, segunda maior cidade do Iraque, relataram aos veículos de comunicação, que os militantes do ISIS ameaçavam cortar a língua daquele que usassem o acrônimo *Daesh*, ao invés do nome original, pois isso era visto como um ato de desrespeito (KARAM, 2015).

Mesmo que essas mudanças mostrem certa inconstância, isso não impediu que o grupo conseguisse aumentar sua exposição nas mídias sociais, pois mesmo sendo associado a diversas siglas e nomes, pois seus objetivos foram sempre muito claros.

Alguns meios de comunicação também evitam usar o termo “Estado Islâmico”, para não passar a ideia de que o grupo esteja lutando por um Estado reconhecido internacionalmente. Muitos acreditam que o uso da palavra "Estado" implica em um sistema de governança e administração, e não deveria ser utilizado para caracterizar um grupo terrorista, ou uma milícia (KARAM, 2015).

Outro ponto problemático seria o uso da palavra "Islâmico", visto por alguns muçulmanos como algo blasfemo. Para várias autoridades islâmicas o grupo não representa a religião do islã ou um Estado, pois seus atos são diferentes daquilo que o islã prega.

Ao longo deste capítulo serão utilizados os diferentes nomes da organização e suas siglas, para diferenciar o período de tempo que está sendo discutido. O propósito desta monografia não é o de legitimar a organização, mas o uso dos acrônimos, principalmente a sigla “ISIS”, serão úteis para diferenciar as fases pelas quais o grupo passou.

3.2. UM HISTÓRICO SOBRE AS ORIGENS DO ISIS

Embora o ISIS tenha chamado mais atenção nos últimos anos, as origens desse grupo podem ser traçadas desde o final dos anos 1990, no Afeganistão. Seu fundador foi Abu Musab al-Zarqawi, nascido em 1966 na Jordânia, conhecido por ser uma figura fria e radical. Na sua juventude foi bastante problemático, largou a escola, se envolveu em diversos crimes, até ser preso por abuso de drogas e assédio sexual. Ainda preso na Jordânia, foi exposto ao Salafismo¹³, em 1989 parte para o Afeganistão com o objetivo de participar da jihad contra os Soviéticos,

¹³ Salafismo (do árabe *سلفي*, *salafi*, "predecessores" ou "primeiras gerações") ou movimento salafista é um movimento ortodoxo ultraconservador dentro do islamismo sunita. A doutrina pode ser resumida por ter "uma abordagem fundamentalista do Islã, emulando o profeta Maomé e seus primeiros seguidores"

onde alegam que tenha aprendido técnicas de terror em campos de treinamento nas fronteiras entre Afeganistão e Paquistão (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Al-Zarqawi retorna para a Jordânia em 1993, onde se junta a outros antigos membros da jihad, Sheik Abu Muhammad al-Maqdisi¹⁴ e Abu Muntassir Bilah Muhammad, que formam o grupo Jama'at al-Tawhid wal-Jihad (JTJ) (Organização do Monoteísmo e Jihad), com o objetivo de retirar a monarquia e estabelecer um Estado Islâmico. Depois de ser preso em 1994 por porte de armas, foi para a prisão *Sawaqa* onde continuou com os ensinamentos jihadistas. Ao ser liberado pelo programa de anistia do rei Abdullah em 1999, seus planos para a criação de um Estado Islâmico são descobertos, e assim foge para o Paquistão, e depois para o Afeganistão.

Segundo Sayf al-‘Adl, um estrategista militar da al-Qaeda, Osama bin Laden e Ayman al-Zawahiri, um de seus conselheiros, se encontraram com al-Zarqawi no Afeganistão em 1999, porém as diferenças ideológicas entre bin Laden e al-Zarqawi eram aparentes para ambos:

“Al-Zarqawi sentia que bin Laden não focava em Israel e era muito indulgente com os não-salafistas. Bin Laden desconfiava de al-Zarqawi, preocupado que ele fosse um espião do governo jordaniano. E ainda bin Laden achava que a animosidade de al-Zarqawi contra os xiitas e sua natureza agressiva eram problemáticos (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015 – tradução nossa).”¹⁵

Embora achassem que al-Zarqawi fosse obstinado e impetuoso, bin Laden e al-Zawahiri o achavam carismático e dinâmico, e embora não tenha se juntado à al-Qaeda, foi eventualmente colocado no comando de um campo de treinamento em Herat, no oeste do Afeganistão. Foi nesse campo que acabou formando o grupo "soldados do Levante" (*jund al-Sham*). Algumas semanas depois de montar o acampamento, Sayf percebeu que al-Zarqawi não estava só adquirindo treinamento militar; como também estava interessado em construir uma estrutura social completa. (LAHOUD, 2014).

Em 2001, após ser ferido em um combate no Afeganistão, al-Zarqawi viaja até o Irã com 300 soldados, para conseguir ajuda médica. Porém ao ser expulso por autoridades iranianas, parte para o Iraque onde continua aumentando sua rede, recrutando novos soldados, criando novas bases, campos de treinamento e esconderijos. Al-Zarqawi tinha interesse no Iraque, pois achava que ali seria o lugar que sua sociedade iria crescer e se expandir.

¹⁴ Escritor e ideólogo jihadista, foi mentor de al-Zarqawi.

¹⁵ No original: “Al Zarqawi felt bin Laden did not focus on Israel and was too lenient on non-salafists. Bin laden was weary of al-Zarqawi, concerned that he was a mole of the Jordanian government. Also bin Laden found al-Zarqawi animus against the shiites and his aggressive nature to be problematic (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).”

As consequências dos ataques de 11 de setembro mudaram radicalmente as coisas para os jihadistas no final de 2001. Os EUA e seus aliados bombardearam e invadiram o Afeganistão, derrubando o Talibã e lançando uma "Guerra ao terror" contra a Al-Qaeda. Bin Laden se escondeu, enquanto al-Zarqawi e outros soldados fugiram. Os militantes estavam dispersos e agitados, precisavam de um outro campo de batalha para provocar e enfrentar seus inimigos ocidentais (MUIR, 2016).

Esse novo campo de batalha não demorou a aparecer. Não havia uma justificativa real para uma invasão americana ao Iraque, já que a suposta produção de Saddam Hussein de armas de destruição em massa e seu suposto apoio aos terroristas internacionais, nunca foram confirmados.

A invasão americana acabou dividindo os estados e as estruturas de segurança, enquanto enviou milhares de soldados e oficiais sunitas descontentes para casa, criando um estado de "selvageria", ou caos violento. Sob o regime do Partido Baath, controlado por Saddam, os sunitas tinham um lugar de destaque em relação a maioria dos xiitas. A intervenção liderada pelos EUA destituiu os sunitas, criando ressentimento e proporcionando um terreno fértil para que os jihadistas salafistas tomassem posse do local (MUIR, 2016).

Al-Zarqawi, se aproveitando dessa instabilidade, volta para o Iraque, e em pouco tempo organiza ataques mortais à alvos ocidentais e comunidades de maioria xiita. Os conflitos entre os xiitas e sunitas são antigos, veem desde as disputas sobre a sucessão do Profeta Maomé nas primeiras décadas do Islã. Mas atualmente os conflitos entre os dois grupos são geralmente baseados nas diferenças doutrinárias, na comunidade, nas políticas sectárias.

Para realizar esse ataque, al-Zarqawi estabelece um novo grupo chamado Jama'at al-Tawhid wal-Jihad (Tawhid significa declarar a singularidade de Deus), imediatamente criando uma aliança operacional pragmática com o restante dos militantes do regime de Saddam.

Por causa da invasão ao Iraque, al-Zarqawi concedeu ajuda a pedido da Al-Qaeda, auxiliando soldados a entrarem no Iraque através da Síria. Nesse mesmo ano, seu grupo realizou vários ataques, como contra a embaixada da Jordânia no Iraque, contra sedes dos EUA, e vários ataques suicidas contra os xiitas. Nessa época, já era possível perceber alguma das características mais marcantes do ISIS, a forma violenta como tratavam os inimigos, e a distribuição de imagens de seus métodos de tortura, afim de propagar o (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Entre as operações de que o grupo reivindicou responsabilidade está a operação que matou o brasileiro Sergio Vieira de Mello, Representante Especial do Secretário-Geral da ONU no Iraque, em 19 de agosto de 2003, e em 2004 al-Zarqawi foi acusado de matar, filmar e

distribuir o vídeo da decapitação, de Nicholas Berg, um empresário norte-americano, e vários outros estrangeiros sequestrados pelo seu grupo, JTJ (LAHOUD, 2014).

Al-Zarqawi fundiu o grupo com vários outros jihadistas, liderando treinamentos para novos recrutas. O JTJ ficou conhecido por ser menos organizado, mas mais violento que a Al-Qaeda. A maioria dos alvos eram muçulmanos xiitas, além de outros como bases da polícia iraquiana, centros de recrutamento do exército e políticos. A perseguição do grupo de al-Zarqawi às agências estrangeiras, serviços de segurança iraquianos, oficiais do governo, trabalhadores humanitários, era feita para persuadir os estrangeiros a deixarem o Iraque a fim de eliminar sua influência, acabar com qualquer chance de um contra-ataque à al-Zarqawi, e fazer com que as diferenças entre xiitas e sunitas aumentasse para que assim os sunitas se juntassem a sua causa (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Essa campanha contra os xiitas fez com que o grupo ganhasse o apoio da al-Qaeda e então em outubro de 2004, al-Zarqawi jurou fidelidade a Bin Ladin e assim a JTJ adquiriu um novo nome, se tornando al-Qaeda no Iraque.¹⁶ De acordo com cartas interceptadas dos líderes da al-Qaeda, houve um certo arrependimento em relação a essa decisão de incluir al-Zarqawi, visto que o mesmo tomava decisões unilaterais, sem consultar os líderes do grupo, principalmente decisões que envolviam os xiitas no Iraque (LAHOUD, 2014).

Em janeiro de 2006 há outra mudança de nome e a organização passa a se chamar Conselho Consultivo dos Jihadistas no Iraque (The Jihadis' Advisory Council in Iraq). Não se sabe ao certo o porquê, mas o mais provável seria o fato de que al-Zarqawi percebeu que não podia ignorar o aumento no número de grupos militante sunitas que surgiam, ou a constante pressão por parte da al-Qaeda para que al-Zarqawi fizesse algum esforço para unificar os jihadistas, ou até uma combinação das duas situações (LAHOUD, 2014).

Al-Zarqawi foi assassinado em junho de 2006, em um ataque aéreo dos EUA a um de seus esconderijos na cidade de Baquba, no Iraque. Porém seus sucessores não desistiram do plano de criarem uma sociedade. Al-zarqawi foi sucedido por Abu Hamza al-Muhajir (também conhecido como Abu Ayyub al-Masri) e o novo líder cria então o Estado Islâmico do Iraque (ISI). Os primeiros discursos do novo líder sugerem que o grupo continuaria fiel a al-Qaeda, porém alguns meses depois al-Muhajir indica Abu Umar al-Baghdadi como líder do ISI e jura fidelidade para o mesmo (ALEXANDER; ALEXANDER, 2015).

Tanto Abu Hamza quanto Abu Umar treinaram no Afeganistão e se juntaram a al-Zarqawi no Iraque, sendo relatado também que Abu Umar servia como um "motor" intelectual

¹⁶ “Tanzim Qaidat al-Jihad fi Bilad al-Rafidayn” ou “al-Qaeda na Mesopotâmia”.

do ISI. O grupo não queria limitar suas atividades apenas a militância, então em 2007 foram anunciados dez ministros, incluindo ministros para saúde, petróleo, agricultura e pesca, mostrando que o ISI realmente tinha o objetivo de se tornar um Estado com um governo legítimo (LAHOUD, 2014).

A declaração do ISI em 2006 foi feita sem uma consulta à al-Qaeda ou à bin Laden, não tendo a aprovação da organização. Os líderes da al-Qaeda eram bastante críticos em relação a Abu Hamza e Abu Umar, e ressaltavam os erros políticos de Abu Umar e referindo-se a ambos como "extremistas", "repulsivos" e "sem sabedoria". Os líderes foram assassinados pelas forças do Iraque e dos EUA em abril de 2010, e assim, Abu Bakr al-Baghdadi assume a liderança do ISI, sendo o líder da organização desde então (LAHOUD, 2014).

O novo líder nasceu em Samarra, norte de Bagdá, em 1971. Todos os relatos sobre o início de sua vida afirmam que ele era um estudante calmo e devoto do Islã, tendo feito doutorado na Universidade Islâmica de Bagdá. Alguns até dizem que ele era tímido e um pouco solitário, vivendo por 10 anos em uma sala ao lado de uma pequena mesquita sunita no oeste de Bagdá.

Porém, na época da invasão liderada pelos EUA em 2003, al-Baghdadi parece ter se envolvido com um grupo militante sunita, liderando seu comitê da Sharia (lei islâmica). As tropas americanas o capturaram e ele teria ficado detido no centro de detenção em Camp Bucca, no Sul, durante a maior parte de 2004.

O Camp Bucca era uma prisão americana que chegou a abrigar mais ou menos 20.000 internos. De acordo com ex-comandantes da penitenciária, analistas e soldados, Bucca se mostrou um local de radicalização e colaboração entre os detentos, além de um elemento na formação da mais potente força jihadista da atualidade. A prisão transformou-se uma "universidade do ISIS", pois pelo menos nove altos comandantes do grupo passaram pela penitenciária, onde segundo especialistas aprofundaram seu extremismo (MCCOY, 2014).

Muitos dos presos estavam ali por atacar soldados americanos, ou por simplesmente terem aparência suspeita, idade de ação militar e estar nos arredores de um local de ataque, tudo isso era suficiente para colocar alguém ser detido. Muitas vezes, os prisioneiros não eram nem processados, e ao serem soltos, acabavam nas fileiras da insurgência.

Esses fatores deram-lhes uma oportunidade inigualável de absorver e espalhar ideologias radicais e habilidades de sabotagem, enquanto conseguiam contatos importantes e redes, tudo em completa segurança, e sob a proteção de seus próprios inimigos.

Al-Baghdadi também certamente teria encontrado em Camp Bucca muitos dos ex-comandantes militares baathista¹⁷ com quem formou uma parceria. Al-Baghdadi era discreto e autossuficiente, não incomodava os americanos, por isso eles o libertaram, tendo decidido que ele era de baixo risco.

Em 2013 al-Baghdadi anunciou a criação do ISIS, proclamando a união do seu grupo, com o grupo sírio Jabhat al-Nusra (JN). O JN surgiu em 2012 e em sua fase inicial, foi elogiado até mesmo por não-jihadistas pela sua conduta eficaz no campo de batalha, e seus negócios com a população. O grupo não surgiu por causa da revolução síria; ao invés disso, seus membros já haviam lutado no Iraque e sua mudança para a Síria foi inicialmente financiada pelo ISIS. O líder do JN, Abu Muhammad al-Julani, rejeitou a fusão publicamente, prometendo fidelidade diretamente a al-Zawahiri e a al-Qaeda. Al-Zawahiri interveio, anulando a fusão e, portanto, o próprio conceito do ISIS. Indicou Abu Khalid al-Shuri, membro do grupo militante sírio Harakat Ahrar al-Sham, para servir como um mediador entre os dois grupos (LAHOUD, 2014)

No momento em que al-Baghdadi assumiu em 2010, a situação para o grupo jihadistas na região iraquiana, não estava fácil. Então quando em 2011, deu-se o início da guerra civil na Síria, al-Baghdadi viu uma nova oportunidade de expansão. A maioria da população sunita estava se revoltando contra o regime opressor de Bashar al-Assad, dominado por sua minoria alauita, um ramo do Islã xiita.

Al-Baghdadi então enviou seus homens para a Síria e em dezembro de 2011, carros-bomba estavam explodindo em Damasco. Os ataques foram trabalho do grupo sírio Jabhat al-Nusra, que em sua fase inicial, já era elogiado até mesmo por não-jihadistas pela sua conduta eficaz no campo de batalha, e seus negócios com a população. Foi liderado por um jihadista sírio, Abu Mohammed al-Julani que apesar de ter sido enviado por al-Baghdadi, tinha suas próprias convicções (LAHOUD, 2014).

Combatendo uma enorme variedade de grupos rebeldes rivais na Síria, a al-Nusra ganhou um apoio na região por causa de suas habilidades de combate destemidas e eficazes, e pelo fluxo de fundos e combatentes estrangeiros que o apoio da Al-Qaeda estimulou (MUIR, 2016).

¹⁷ Partido Socialista Árabe Baath foi um partido político fundado na Síria por Michel Aflaq, Salah ad-Din al-Bitar e associados de Zaki al-Arsuzi. O partido defendia o Baathismo que é uma mistura ideológica de nacionalismo árabe, pan-arabismo, o socialismo árabyaze e anti-imperialismo. O Baathismo pedia unificação do mundo árabe em um único estado. Seu lema, "Unidade, Liberdade, Socialismo", refere-se à unidade árabe, e liberdade de controle e interferências não-árabes.

Percebendo que o grupo estava saindo de seu controle al-Baghdadi, anunciou em 2013 a fusão de seu grupo no Iraque com a al-Nusra, criando assim um novo Estado Islâmico no Iraque e al-Sham (Síria ou o Levante), mas conhecido pela sigla ISIS (LAHOUD, 2014).

Porém, al-Julani rejeitou a fusão publicamente, prometendo fidelidade diretamente a al-Zawahiri, novo líder da al-Qaeda após a morte de Bin Laden em 2011. Al-Zawahiri interveio, anulando a fusão e, ignorando a mudança do grupo para ISIS, ordenando que al-Baghdadi deixa-se a al-Nusra como o representante da Al-Qaeda na Síria. Indicou Abu Khalid al-Shuri, membro do grupo militante sírio Harakat Ahrar al-Sham, para servir como um mediador entre os dois grupos (LAHOUD, 2014).

Al-Baghdadi decidiu ignorar as ordens, o que fez com que o ISIS e a al-Nusra entrassem em conflito. Várias pessoas foram mortas em confrontos que terminaram com ISIS sendo expulso da maior parte do noroeste da Síria pela al-Nusra e facções rebeldes aliadas na Síria.

Porém o ISIS não se deixou abater. Assumiu o controle de Raqqa, cidade localizada noroeste da Síria, e fez dela a sua capital. Muitos dos jihadistas estrangeiros que haviam se juntado a al-Nusra resolveram se juntar ao ISIS, pois via o grupo como sendo mais radical. No início de 2014, a Al-Qaeda finalmente de distância do ISIS renegando qualquer aliança com o grupo (MUIR, 2016).

Estabelecidos na Síria, al-Baghdadi volta seu foco para o Iraque. Com as tropas americanas longe da região, as áreas sunitas revoltaram-se, contra as políticas sectárias do primeiro-ministro xiita, Nouri Maliki. Os sunitas se sentiam marginalizados e oprimidos, o que criou as condições perfeitas para os jihadistas exercerem sua influência.

O ISIS nunca deixou realmente o Iraque, então ao atravessar cidades sunitas, em junho de 2014, os soldados jihadistas salafistas, os ex-militantes Saddamistas e outros simpatizantes se juntaram rapidamente à tomada de poder. Com a conquista da cidade de Mossul, o ISIS se transformou rapidamente deixando de ser apenas um pequeno grupo terrorista, passando a ser um grande exército jihadista, que não só ameaçava o Estado iraquiano, mas desafiava o mundo inteiro (MUIR, 2016).

Foi quando al-Baghdadi anunciou a última mudança do grupo, em junho de 2014, com a proclamação do "Estado Islâmico", e o estabelecimento do "califado". Poucos dias depois, al-Baghdadi, agora califa Ibrahim, fez uma aparição surpresa em Mossul no púlpito da histórica Grande Mesquita de Nour al-Din al-Zangi, onde convocou todos os muçulmanos do mundo a se unirem a ele. Ao declarar um califado e adotar o título de "Estado Islâmico", a organização estava claramente definindo suas visões para além da Síria e do Iraque.

3.2. OS OBJETIVOS DO ISIS

Os objetivos de uma organização geralmente revelam como serão suas ações futuras. No caso do Estado Islâmico (ISIS), seus objetivos combinados com a metodologia para alcançá-los são o que o diferencia de outros grupos militantes.

Em abril de 2013, Abu Bakr al-Baghdadi declarou a criação do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (al-Sham), afirmando que o grupo não reconhecera mais fronteiras, e que seu objetivo era continuar avançando, até a construção de um califado islâmico. Esse era o objetivo declarado de ISIS: restaurar o "califado" - um estado islâmico sob o governo de uma comunidade de estudiosos religiosos orientada por um líder supremo, o califa ou Khalifah, que é geralmente considerado como o sucessor do Profeta Maomé.

Em junho de 2014, durante o Ramadã, o ISIS publicou um manifesto que pretendia traçar a linhagem de seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, ligando-o diretamente ao profeta para estabelecer sua reivindicação de ser califa. Os seus objetivos expansionistas encontram nesta declaração:

"A legalidade de todos os emirados, grupos, Estados e organizações torna-se nula pela expansão da autoridade do Khalifah e chegada das suas tropas às suas áreas"(JOHNSON, 2014 – tradução nossa).¹⁸

Quando foi declarado que al-Baghdadi era um descendente de Muhammad e do califa legítimo, o ISIS passou a ser chamado simplesmente de Estado Islâmico (IS), mostrando que o califado não iria mais se limitar ao Iraque, ou à Síria, Israel (Palestina), Jordânia e ao Levante, e que suas ambições iam além das fronteiras limitadas. O novo estado visava acolher "cada crente muçulmano," de acordo com o seu manifesto. O líder do ISIS ainda afirmou que "o dia em que os muçulmanos vão andar por toda parte como um mestre, estava chegando". Essa afirmação indica o desejo de expansão, porém, alguns membros do grupo reconhecem que será necessária paciência para alcançá-lo (MILTON, 2014). Essa ambição de estabelecer um califado é compartilhada por outras organizações jihadistas, embora com limites diferentes.

O Estado Islâmico inicialmente reivindicou o território do Iraque e da Síria, subdividindo cada país em múltiplos *wilayah* (províncias), em grande parte com base em limites de governança preexistentes. As primeiras reivindicações territoriais por parte do grupo fora da Síria e do Iraque foram anunciadas em 2014, com o anúncio de novos *wilayats* ou províncias, na Líbia, Argélia, Egito, Iêmen e Arábia Saudita. Um ano depois novas províncias foram

¹⁸ Original no inglês: "'The legality of all emirates, groups, states and organizations becomes null by the expansion of the khilafah's authority and arrival of its troops to their areas.'"

anunciadas no Afeganistão-Paquistão, dentro e ao redor do norte da Nigéria e, no Norte do Cáucaso.

Essas novas reivindicações confirmam dados antes divulgados pelo próprio ISIS, que mostravam mapas com o projeto para o Estado Islâmico, que incluiria desde territórios na Espanha, chamados de Andalus, na região oeste; passando pelo norte da África (incluindo toda a África Ocidental e a Nigéria), conhecido como Magreb; depois através da Líbia e do Egito (Ard Al-Kinana); incluindo o que é chamado de Ard el Habasha (que vai dos Camarões, no oeste até a África Central, Etiópia e Somália); a região chamada de Hijaz (Arábia Saudita, e países do Golfo); do Iêmen até Khurasan no leste - definido como as repúblicas muçulmanas da Ásia Central que começam com o Azerbaijão, incluindo o Paquistão e a parte sudoeste da China, onde ficam as terras dos muçulmanos de origem turca, os uigures (NERIAH, 2014).

Figura 1: Mapa do plano de 5 anos do ISIS para se expandir da Espanha a China



Fonte: Jerusalem Center for Public Affairs

O Estado Islâmico ainda incluiria também o Irã e a Turquia em sua totalidade e partes da Europa, principalmente os Balcãs (conforme às fronteiras do extinto Império Otomano com os territórios austro-húngaros).

Abu Muhamma al-Adnani, um porta-voz do ISIS, afirma que alcançar os objetivos significa seguir o modelo do Profeta, e que se deve usar a força contra aqueles que resistem ao estabelecimento do califado em seu território e colocá-los sob o controle do ISIS. O grupo vê o uso da violência como algo permissível não apenas contra os estrangeiros, mas também contra todos os muçulmanos xiitas e até mesmo os muçulmanos sunitas que não aceitem viver sobre

as leis do ISIS. Seria necessário expulsar os infiéis através da jihad para manter a comunidade unida.

O ISIS acredita que será possível restabelecer o antigo califado através do estabelecimento de uma comunidade de praticantes do Islã na sua forma mais pura, de acordo com os desejos de Deus. Essa posição é o que define a identidade do ISIS e sua forma de agir, e o modo como o grupo faz guerra reflete isso (LAYTON, 2014).

3.3. A ESTRUTURA DO ISIS

Atualmente, o ISIS é um grupo armado, não-estatal, bem organizado, com um sistema centralizado de comando e controle, onde se planejam campanhas de longo prazo para serem implementados de forma descentralizada por comandantes regionais experientes, dependendo das condições locais. O ISIS é caracterizado por seu planejamento operacional, ao contrário de outras organizações terroristas. O grupo tem duas funções distintas: primeiro expandir e defender seu território por meios militares; e segundo governar e administrar esse território e sua população (LAYTON, 2014).

As estimativas sobre o número de combatentes no exército do ISIS são muito amplas, então é difícil dizer quanto combatentes fiéis o grupo tem, com meios de comunicação reportando um número entre 9,000 e 18,000, enquanto outros apresentam estimativas entre 100,000 e 200,00¹⁹. Embora estes números não sejam passíveis de confirmação completa, uma certeza é a de que o grupo geralmente busca o sucesso tático utilizando armadilhas para confundir os inimigos, ou se movendo rapidamente, tentando conseguir a superioridade local nos números, ou invadindo territórios de forma agressiva utilizando formações pequenas.

De acordo com Layton (2014) a estrutura governamental do grupo é hierárquica e abrangente. O grupo é liderado por Abu Bakr al-Baghdadi, que conta com o auxílio de um corpo consultivo religioso do Conselho Shura, 24 governadores e vários conselhos subordinados, incluindo conselho para assuntos militares, de segurança e inteligência, assuntos religiosos, finanças e mídia. Esta estrutura é encontrada em cada um dos níveis provinciais, distritais e de nível inferior.

Existem dois vice-líderes, Abu Muslim al-Turkmani para o Iraque e Abu Ali al-Anbari para a Síria, enquanto cada território conquistado conta com governadores locais. O conselho de Shura tem a tarefa de assegurar que todas as decisões tomadas pelos governadores e conselheiros sejam cumpridas de acordo com a interpretação do grupo da xaria. A maioria da

¹⁹ ROSS: "HOW MANY FIGHTERS DOES THE ISLAMIC STATE REALLY HAVE?" <https://warontherocks.com/2015/02/how-many-fighters-does-the-islamic-state-really-have/>

liderança do ISIS é dominada por iraquianos, principalmente entre os antigos membros do regime de Saddam Hussein. Tem sido relatado que iraquianos e sírios têm recebido maior prioridade em relação a outras nacionalidades dentro ISIS (LAYTON, 2014).

Figura 2: Estrutura de Comando do ISIS



FONTE: BBC Brasil – “Mapas explicam batalha do 'EI' pela Síria e pelo Iraque”

De acordo com o UN News Center, até a data de julho de 2015, acreditava-se que oito milhões de iraquianos e sírios viviam em áreas controladas pelo ISIS. Em setembro de 2014 a cidade de Raqqa na Síria, tinha sido conquistada pelo exército do ISIS, ficando sob total controle do grupo, sendo que atualmente a cidade é a sede ‘de facto’ do grupo. Nesse período o grupo reconstruiu a estrutura de governo em menos de um ano, e os ex-funcionários do governo Assad puderam manter seus empregos após prometerem lealdade ao ISIS. A barragem de Raqqa continua a fornecer eletricidade e água.

O ISIS executa vários programas nas áreas sob seu controle no Iraque e na Síria, o que inclui o fornecimento de serviços sociais, palestras religiosas e o Dawa²⁰ para as populações locais. O grupo também executa serviços públicos, tais como a reparação de estradas e a manutenção do fornecimento de energia elétrica.

Alguns pontos permitem verificar que as perspectivas de manutenção do controle e do domínio do ISIS eram maiores em 2014 do que em 2006, e isso porque, embora continue tão

²⁰ “Dawa (em árabe: دعوة) é o nome dado ao trabalho de divulgação do Islã no mundo e uma obrigação de todo muçulmano no mundo. As pessoas mais empenhadas nessa missão são chamadas de dais.”

brutal quanto antes, a organização está bem enraizada, e é até mesmo defendida entre a população principalmente por aqueles que aceitaram sua ideologia, fazendo com que seja mais difícil ser eliminada por forças sírias ou iraquianas ineficazes.

Porém, com o colapso do Estado sírio e a decaída do governo iraquiano, o ISIS ocupou grandes áreas com relativamente poucas lutas, explorando o apoio dos habitantes sunitas dessas regiões. Ao conquistar esses territórios, o objetivo do ISIS era o de controlar a população, livrando-se de todos de uma identidade ou opinião diferente, impondo o terror. O ISIS trabalha ativamente para expulsar aqueles que não desejam abraçar a identidade sunita salafista (LAYTON, 2014).

Uma campanha de limpeza sectária está sendo realizada com o intuito de remover xiitas, iazidis, shabaks, cristãos, sunitas dissidentes e quaisquer outros que tenham visões consideradas inaceitáveis de dentro seus novos territórios. As comunidades de não-muçulmanos são inicialmente avisadas a sair, caso isso não aconteça viram alvo de ações violentas, que incluem sequestros em grande escala, homicídios, e bombardeios de carro.

O ISIS também usa táticas para piorar a situação habitacional dos seus alvos, como corte de água e fontes de alimentação, esperando que isso incentive o seu deslocamento. É importante notar que isso não é necessariamente uma limpeza étnica, pois mesmo os não-árabes podem permanecer ou imigrar para as áreas do ISIS, seu único dever para poder permanecer no território é simplesmente abraçar a identidade religiosa desejada e fazer parte de uma comunidade de fiéis.

3.4 METODOLOGIA E RECRUTAMENTO – COMO O ISIS OPERA?

De acordo com a ONU, o ISIS vem praticando uma série de violações de direitos humanos generalizados e sistemáticas dos tipos mais sérios na Síria e no Iraque, forçando brutalmente cerca de 8 milhões de pessoas a assimilar, fugir ou enfrentar a morte. O grupo viola várias normas estipuladas pela segurança humana, pois praticam genocídios, crimes contra a humanidade, crimes de guerra e ataques generalizados contra a população civil.

Essa brutalidade em escala global é destinada a reforçar o monopólio do grupo na vida política e social dos habitantes do seu território. O resultado é que os civis que permanecem em áreas controladas por ISIS vivem em um estado de medo constante e seus alvos são principalmente grupos religiosos e étnicos no Iraque e na Síria (UN News, 2015).

Algumas comunidades são forçadas a assimilar, fugir ou enfrentar a morte. Um exemplo é a violência contra os yazidis, onde foi relato que homens são separados de mulheres e crianças,

depois levados a valas e brutalmente executados. A crescente capacidade militar do ISIS também significa a propagação do medo e do terror sobre os civis.

Tradicionalmente, analistas de organizações que usam o terrorismo têm se concentrado na única faceta que melhor define essas organizações: a execução da violência. Qualquer foco sobre como esses grupos também tentaram se engajar na disseminação da propaganda e na prestação de serviços sociais fica em segundo plano. No entanto, o ISIS conseguiu criar uma unidade de esforço nas diferentes facetas de suas operações, tornando-o muito mais semelhante a uma organização insurgente do que estritamente uma organização terrorista.

Uma das características mais marcantes do modo como o ISIS promove sua expansão, é o uso, sem precedentes, das mídias sociais para o avanço de sua causa, integrando isso em suas estratégias mais amplas de políticas militares e governamentais. Diferente de outros grupos terroristas que utilizam a internet para disseminar suas estratégias de forma anônima, ou na deep web²¹, o ISIS tem utilizado a internet como um canal para se promover, intimidar as pessoas, e para convocar novos recrutas (LAYTON, 2014).

Para comparação, sua antiga aliada al-Qaeda, por exemplo também tem presença web, mas prefere usar principalmente plataformas mais antigas como sites e fóruns. Já o ISIS prefere utilizar as novas mídias sociais, e com isso não está tentando só espalhar informação, como também utilizá-las para propagar sua identidade, delineando seu público alvo, enquanto faz uma afirmação sobre as qualidades dentro da entidade.

O grupo possui um conselho de mídia considerado de alto nível, que gerencia todas as declarações oficiais e impõe sua presença nas mídias sociais. Como meio de alcançar um número maior de público, as mensagens do ISIS são fornecidas em vários idiomas e distribuídas em momentos e horários cuidadosamente selecionados visando tirar proveito dos maiores meios de comunicação globais e seus prazos de notícias. Uma variedade de plataformas de mídia social são utilizadas, incluindo Twitter, Facebook, Instagram, Tumblr, YouTube, e até mesmo o fenômeno recente dos memes da internet.

Vídeos e imagens amadoras também estão sendo divulgadas diariamente por soldados se espalhando mundialmente de forma rápida, tanto por usuários comuns como por organizações de notícias convencionais que desejam imagens que elas mesmas não podem conseguir (ROSE, 2014).

²¹ Deep Web (também chamada de Deepnet, Web Invisível, Undernet ou Web oculta) se refere ao conteúdo da World Wide Web que não é indexado pelos mecanismos de busca padrão, ou seja, não faz parte da Surface Web (WIKIPÉDIA).

Suas produções geralmente seguem um padrão profissional, se aproximando dos meios de comunicação tradicionais e muitas vezes chegam a usar técnicas muito comuns encontradas em filmes de Hollywood, reality shows e vídeos musicais, tudo isso para capturar, envolver e manter sua audiência (LAYTON, 2014).

A mídia do ISIS tem dois objetivos: o de provocar os EUA e seus aliados, e o de recrutar novos soldados de fora do Oriente Médio. Por isso abordam dois públicos distintos: seus aliados e o resto do mundo. Para seus aliados, ISIS tenta mostrar a vida dentro do Califado Islâmico como estável, próspera e acolhedora. Um vídeo lançado em agosto de 2014 para marcar o feriado do “Eid al-Fitr”²², foi direcionado aos não árabes e incluiu entrevistas com combatentes estrangeiros do ISIS nos Estados Unidos, Europa e Sudeste Asiático, alternando com imagens de ruas pacíficas e crianças brincando (LAYTON, 2014).

Observando os meios de comunicação do ISIS, pode-se perceber a extensão da ambição do grupo e o quanto o mesmo investe em propagandas. Isto pode ser visto na produção do “Al Hayat Media Center”²³. O Al Hayat Media tem como foco o público ocidental, principalmente os mais jovens, por isso produz conteúdo em diversas línguas como o inglês, o alemão, o francês, e o russo.

Suas produções apresentam vários formatos, desde os de um minuto, específicos para o twitter chamados de “Mujatweets”, até um documentário intitulado “The Flames Of War” com uma hora de duração. Também publica conteúdo em áudio e uma revista em PDF em inglês, chamada Dabiq. A segunda publicação dessa revista comparou o Califado a uma “arca” em um “dilúvio” apocalíptico, fazendo uso de imagens do mais recente filme de hollywoodiano sobre a história de Noé (ROSE, 2014).

Para atrair muçulmanos de países estrangeiros, o ISIS divulgou diversos vídeos no twitter e youtube, com depoimentos de cidadãos que decidiram largar seus antigos lares e jurar lealdade ao grupo. Um desses vídeos, intitulado “The Eid Greetings from the Land of Khilafah” foi filmado na cidade ocupada de Raqqa na Síria. No vídeo, soldados do ISIS da Finlândia, Indonésia, Bélgica, Reino Unido e outros países afirmam como estão felizes de estar lá.

Um dos depoimentos é do britânico Abu Abdullah al-Habashi que diz:

“Eu não acho que há nada melhor do que viver na terra da khilafah... Não precisamos de democracia, não precisamos de comunismo ou nada disso, tudo o que precisamos é da sharia” (ROSE, 2014 - tradução nossa).²⁴

²²Eid ul-Fitr é uma celebração muçulmana que marca o fim do jejum do Ramadã. Eid ul-Fitr significa literalmente “Celebração do fim do jejum”.

²³Não deve ser confundido com o jornal árabe Al-Hayat

²⁴No original: “I don’t think there’s anything better than living in the land of khilafah,” says Abu Abdullah al-Habashi, from Britain. “We don’t need any democracy, we don’t need any communism or anything like that, and all we need is sharia.” (ROSE, 2014).

O vídeo ainda mostra a vida no califado com cenas bonitas de crianças brincando nas ruas, um chef falando sobre seus apetitosos shawarmas e um soldado confortando camaradas feridos em hospital.

Entretanto, para aqueles que não aderem à identidade do ISIS a imagem mostrada é o oposto. A maioria dos vídeos exalta uma violência extrema, mostrando decapitações, massacres, brigas de armas, execuções e numerosos corpos mortos. Este gênero de mídia do ISIS tem como objetivo criar medo generalizado ao enfatizar a selvageria e a desumanidade do ISIS.

Decapitações públicas como as dos jornalistas norte-americanos Steven Joel Sotloff e James Foley, e dos assistentes David Haines e Alan Henning, foram gravadas e divulgadas como estratégia de mídia social do ISIS, que pretendia semear o terror no mundo ocidental. A divulgação fez com que as potências ocidentais voltassem a combater na região. Enquanto isso, esses mesmos países viram seus cidadãos partindo para se juntar a Isis.

Essas imagens fazem o ISIS parecer muito maior do que ele realmente é, e minimizam o papel de outros grupos aliados desempenham. O porta voz do ISIS Abu Bakr al-Janabi, afirma que tais imagens são o jeito do ISIS de dizer, aos que se opõem ao grupo, para observar bem o que acontecerá se atravessarem o seu caminho. Essa tática já se mostrou já que vários soldados desertaram uma vez que viram as bandeiras negras do ISIS.

A estratégia de mídia da ISIS tem, portanto, um objetivo muito prático: construir o poder material e não-material do ator não-estatal armado. Como parte de ganhar o poder necessário para alcançar seus objetivos, o ISIS está usando propositadamente sua campanha de mídia social para construir ligações transnacionais de apoio. ISIS provou-se eficaz em fazer isto em duas áreas específicas: construir sua legitimidade entre uma audiência global específica e induzir lutadores estrangeiros a sua causa.

Conforme o ISIS passou a usar cada vez mais meios de comunicação ao longo dos últimos anos, os sucessos de seus esforços de recrutamento também aumentaram. Até dezembro de 2015, o Estado Islâmico incluía aproximadamente 30,000 adeptos de todo o mundo. Embora a grande maioria dos recrutas venham do Oriente Médio, o ISIS conseguiu recrutar pessoas de 90 países diferentes, sendo muitos combatentes estrangeiros também vêm de nações ocidentais, incluindo a maioria dos membros da União Europeia, bem como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. (BENMELECH; KLOR, 2016).

Após longas entrevistas com associados do ISIS que operam tanto na Síria quanto no Iraque, em diversos setores, os autores Weiss e Hassan (2015), descobriram que o que atrai as

pessoas para o ISIS poderia atraí-las para qualquer outra organização ou religião, mesmo aqueles ideologicamente contraditórios ao jihadismo-salafista.

De acordo com um dos entrevistados, Abdulsattar — um ativista que trabalhava para o Exército Sírio Livre, o poder de persuasão do grupo é impressionante. Após ser capturado e interrogado por horas por um soldado do ISIS, Abu Hamza al-Shami, representante do ISIS, interrompeu o interrogatório e conversou com o ele sobre as ações e motivações do ISIS e perguntou:

“Ele me perguntou: “Por que você não está jurando lealdade? O Profeta disse que aqueles que morrem sem ter feito bayat (terminologia islâmica que significa juramento) para alguém — sua morte será uma morte jahiliyyah [não islâmica]”. (WEISS E HASSAN, 2015).”

Abdulsattar afirmou que não estava preparado para jurar lealdade ao grupo naquele momento, então Abu Hamza o pediu que pensasse no assunto. Uma semana depois Abdulsattar decidiu fazer seu juramento. Sua razão seria a de que ele foi convencido pelo “intelectualismo do EI e a maneira que ele dissemina a religião e luta contra a injustiça” (WEISS E HASSAN, 2015).

Outros entrevistados revelaram ter passado pelo mesmo e acabaram tomando a mesma decisão. Embora o ISIS consiga adaptar os pensamentos já existentes dentro dos recrutados, para que sigam aos padrões do grupo, de acordo com Weiss e Hassan (2015), essa situação mostraria que o ISIS também domina uma técnica em que eles desconstruem o psiquismo daqueles querem recrutar, e então o reconstrói à sua própria imagem.

A expansão do ISIS é visível também no ciberespaço. O grupo vem se mostrando muito hábil no uso da internet e das redes sociais para espalhar sua propaganda, o terror, a radicalização e recrutamento, aspectos particularmente relevantes para atrair os jovens ocidentais. Além disso, hackers filiados ao ISIS, como o autodenominado “ciberalfado”, vêm perpetrando poderosos ataques cibernéticos, visando todo o tipo de alvos, desde comandos militares a agências governamentais ou órgãos de comunicação social (TOMÉ, 2015).

Uma categoria que o ISIS parece ter bastante interesse, e que tem sido a mais influenciada pelas propagandas do grupo são os jovens estrangeiros. Utilizando diversas ferramentas de recrutamento de forma intensa, como as redes sociais, e aplicativos de mensagem instantânea para celular²⁵, os jihadistas atraíram centenas de aliados vindos de países ocidentais, para seus territórios na Síria e no Iraque. No começo o interesse era atrair jovens

²⁵ Islamic State prioritise Telegram app to spread propaganda. <http://www.bbc.com/news/av/world-middle-east-34478695/islamic-state-prioritise-telegram-app-to-spread-propaganda>

para se juntarem aos campos de batalha, porém agora o foco está cada vez mais voltado também às jovens mulheres ocidentais, com o intuito de transforma-las em esposas (SOHR, 2015).

O ISIS vende para esses jovens uma ideia de utopia islâmica, afirmando ser o único Estado Islâmico verdadeiro no mundo, e que se eles se juntarem a causa, poderão ser tornar figuras importantes na história do califado (HARISSI, 2015).

Algumas mulheres são atraídas pelo ISIS através de troca de mensagens em redes sociais como o twitter. Elas conversam com recrutadores do ISIS, principalmente sobre religião e casamento. Algumas se dispõem até mesmo a ir para os campos de batalha como médicas ou enfermeiras. A intenção do ISIS é que a maioria virem esposas para os jihadistas (TUCKER; GURMAN, 2014).

Um dos casos mais famosos, foi o de três meninas do Colorado, nos EUA. De famílias de imigrantes do Leste Africano, as três tiveram contato online com diferentes membros do ISIS espalhados pelo mundo. As três então se radicalizaram e foram para a Síria, afim de se juntar ao califado. Analisando as redes sociais das três, era possível perceber o interesse pelo casamento e o papel da mulher.

Uma das recrutadoras disse para as meninas que esperassem por um casamento rápido e uma vida doméstica, pois era impossível que uma mulher fosse para o campo de batalha. E ainda afirma que se espera que as mulheres se casem com os jihadistas e tenham seus filhos.²⁶

Outro ponto, foi a necessidade de pessoas experientes e estudadas em vários setores do “novo Estado”. Isso porque embora o ISIS tenha conseguido manter os alimentos nos mercados, padarias e postos de gasolina funcionando, ainda continua tendo problemas com água potável e eletricidade, que as vezes faltam por até 20 horas por dia. Talvez por isso que o grupo percebeu que os jovens extremistas que estavam sendo atraídos para o califado não possuíam habilidades profissionais. A revista Dabiq anunciou que o ISIS necessitava de juizes, pessoas com habilidades militares ou administrativas, médicos e engenheiros para viajar para o seu território. Al-Baghdadi, até mesmo pediu em um discurso recentemente, que médicos e engenheiros fossem para lugares como Raqqa, para ajudar a construir e administrar o Estado Islâmico. Nas palavras do líder: "Sua migração é uma obrigação para que possam responder à extrema necessidade dos muçulmanos"(HUBBARD, 2014).

É possível perceber essa mobilização internacional principalmente em Raqqa, onde homens armados em postos de controle podem ser sauditas, egípcios, tunisianos ou líbios, ou o

²⁶ Cf. ROCHA, Carolina Nunes Miranda Carasek da. Mulher migrante ocidental: uma leitura do seu papel e importância dentro do grupo Estado Islâmico, 2016.

responsável por cuidar da eletricidade a cidade pode ser sudanês, ou um hospital ser administrado por um jordaniano que se reporta a um chefe egípcio.

Outro fenômeno que tem acontecido dentro do califado é o recrutamento de crianças-soldado. De acordo com o Observatório Sírio de Direitos Humanos (SOHR), nos três primeiros meses de 2015, o ISIS já tinha recrutado 400 crianças para servir em seu exército, sendo mais que o dobro da quantidade de adultos (120) que foram recrutados.

A crianças são parte central para a estratégia de mídia do ISIS de tentar aumentar a indignação e chocar o mundo. O grupo investe muito no treinamento das crianças por acreditarem que elas são puras, e cresceram completamente imersas nas ideias do grupo, longe das ideologias dos pecadores. Estão se voltando para as crianças por acreditarem que elas serão a próxima geração, que continuaram o legado do ISIS (SOHR, 2015).

Os menores são doutrinados através de cursos da sharia e preparados para o combate em campos de treinamento militar. São também incentivadas a participar de execuções públicas, sendo oferecido a elas armas e dinheiro para se juntar à organização.

Atualmente o recrutamento de crianças em grupos armados é um grande problema no Iraque e na Síria, com muitas organizações recrutando crianças e adolescentes. Dados nessa área são limitados, porém alguns autores escreveram artigos importantes sobre como O ISIS recruta crianças, quais são os papéis específicos que as crianças desempenham, e como são transformadas em militantes (QUILLIAM, 2016).

Foi descoberto que dentro do califado as crianças pertencem a várias categorias como: crianças filhas de combatentes estrangeiros, de combatentes locais, crianças abandonadas, crianças forçadas a se apresentarem (o ISIS além de controlar vários orfanatos, também já chegou a sequestrar crianças) e crianças que se juntam voluntariamente. Juntas essas crianças formam o que os líderes gostam de chamar de 'Filhotes do Califado' (QUILLIAM, 2016).

No próximo capítulo, o recrutamento de crianças soldado pelo ISIS, será estudado com uma maior profundidade. Para grupos armados e insurgentes, usar crianças em suas operações têm seus benefícios. As crianças não parecem tão suspeitas para as forças de segurança, podendo se infiltrar com facilidade, são mais fáceis de doutrinar. Outro fato importante seria a dificuldade que certos agentes têm de lutar contra crianças por motivos práticos, políticos e morais. O ISIS reconhece esses benefícios quando inclui crianças em suas operações, porém suas motivações para usa-las vão além desses benefícios. Treinando crianças não só para a guerra, mas ensinando também sua ideologia, o grupo terrorista está trabalhando na consolidação de seu projeto de califado, fazendo com que mesmo que a organização chegue ao seu fim, sua ideologia continuará existindo.

Assim, serão analisados o histórico do papel das crianças em guerras, as diferenças no recrutamento em antigos conflitos e no ISIS, quais são os papéis das crianças dentro do califado, e porquê as crianças têm um papel tão importante para o futuro do ISIS.

4 RECRUTAMENTO DE CRIANÇAS-SOLDADOS EM CONFLITOS ARMADOS: O CASO DO ISIS

O objetivo deste último capítulo é o de analisar a participação de crianças em conflitos armados, e como elas são envolvidas no terrorismo, a partir dos estudos de segurança humana, tendo como foco no recrutamento feito pelo ISIS.

Para melhor entendimento da análise, o capítulo será dividido em dois tópicos. O primeiro tópico será destinado a uma análise sobre qual era o papel das crianças historicamente e o envolvimento de crianças nas guerras contemporâneas, as mudanças que ocorreram nessa participação com as novas guerras, observando como o seu recrutamento é conveniente para as partes em conflito.

O segundo tópico aborda o recrutamento de crianças-soldados pelos ISIS, com o intuito de entender o motivo do interesse do grupo em recrutar crianças. O tópico irá explorar quais são os métodos que o grupo utiliza para o recrutamento e quais são os papéis que essas crianças exercem dentro do ISIS.

4.1 O USO DE CRIANÇAS-SOLDADOS EM CONFLITOS ARMADOS

A Organização das Nações Unidas define como crianças-soldados qualquer pessoa com menos de dezoito anos de idade²⁷ que é recrutado ou utilizado por um exército ou grupo armado em qualquer função, desde lutadores, cozinheiros, carregadores, mensageiros, espiões ou para fins sexuais. Porém, em algumas partes do mundo, em algumas culturas, a idade onde a infância acaba não é muito clara, e nem todas as pessoas menores de dezoito anos são consideradas crianças.

A questão sobre quem deve ser considerada criança é importante pelo fato de que os jovens sempre estiveram no campo de batalha ou pelo menos perto dele. Para esta monografia consideraremos a definição da ONU, que estipula que crianças-soldados são todas aquelas pessoas com menos de dezoito anos.

O recrutamento de crianças-soldados em conflitos armados não é uma prática recente, as crianças vêm sendo usadas em combates desde a Idade Média. Porém, as crianças-soldados de antigos conflitos não podem ser comparados com as crianças dos conflitos atuais, visto que nas guerras contemporâneas, esse fenômeno acaba ganhando novas proporções.

Estudos mostram que ao longo da história crianças têm sido recrutadas em vários conflitos, como por exemplo: os exércitos do ocidente que mantinham meninos-soldados desde

²⁷ The Paris Principles and Guidelines published by UNICEF in 2007 states that “a child soldiers associated with an armed force or armed group refers to any person below 18 years of age.”

a Idade Média até a Segunda Guerra Mundial. Porém a diferença entre o uso das crianças no passado e no presente é que no passado as crianças eram usadas *apesar* da sua juventude, enquanto atualmente elas são usadas *por causa* da sua juventude. (BENOTMAN e MALIK, 2016).

De acordo com SINGER (2005), a exclusão de crianças dos assuntos sobre a guerra era uma regra na maioria das culturas tradicionais. Por exemplo, os exércitos na África pré-colonial, em tribos como a dos Zulus, os possíveis membros do exército só se tornavam elegíveis depois dos dezoito ou vinte anos, enquanto na região de Kano, na África Ocidental, somente homens casados podiam ser recrutados, pois acreditava-se que os solteiros ainda eram muito imaturos.

As crianças que serviram em antigos exércitos normalmente não participavam de combate, porém podiam exercer outras funções, como cuidar do gado ou carregar escudos e esteiras para os guerreiros mais velhos. As civilizações mais antigas não dependiam da força de combate de crianças, isso porque a exclusão de crianças não era só por causa de um princípio moral, mas uma questão de prática, visto que eram necessários a força e o treinamento de um adulto para utilizar as armas pré-modernas (SINGER, 2005).

Havia também a questão de que a maioria das culturas tradicionais dependia de um sistema de classes de idade para suas estruturas governantes. Esses sistemas eram agrupamentos sociais determinados por grupos de idade. Tal sistema permitiu que governantes mais velhos e anciãos tribais mantivessem o comando sobre os mais jovens principalmente aqueles que eram indisciplinados (SINGER, 2005).

A história mostra que as crianças sempre estiveram perto dos campos de batalha de certa forma, sendo que alguns meninos desempenhavam papéis militares, embora não como soldados ativos. Na Europa medieval alguns auxiliavam os cavaleiros, enquanto outros auxiliavam no carregamento de munição. Essas posições fizeram com que as crianças fossem parte indispensável de qualquer exército e marinha nos séculos XVII e XVIII, porém sempre cumprindo papéis de apoio menores, nunca sendo considerados verdadeiros combatentes. Mesmo em conflitos onde havia uma grande mobilização da sociedade, como a Revolução Francesa, não havia tantas crianças participando como soldados, elas permaneciam atrás da linha de batalha ajudando as mulheres e idosos, cuidando dos feridos.

Histórias sobre o envolvimento de crianças na guerra podem ser encontradas também na história americana. Embora os primeiros regulamentos do Exército dos EUA de 1802 afirmassem que nenhuma pessoa com menos de 21 anos poderia se alistar sem a permissão de seus pais, porém, caso tivesse o consentimento deles não havia uma idade mínima para o alistamento. Isso significava que um pequeno número de jovens servia como músicos, *powder*

*monkeys*²⁸, e aspirantes (oficiais em treinamento) nas forças armadas americanas. Essas crianças eram diferenciadas dos outros soldados usando uniformes diferentes, mas isso não impedia que corressem riscos ao saírem de seus postos para ingressar nas linhas de frente (SINGER, 2005).

Assim, pode se perceber que embora não fossem consideradas como soldados, algumas crianças menores de idade mentiam sobre suas idades para se juntar a exércitos, ou então encontravam alguma maneira de saírem de seus postos. (SINGER, 2005).

Além disso, alguns Estados enviaram crianças para lutar como última opção para fugir da derrota, como foi o caso da Juventude Hitlerista (*The Hitler Jugend*). A Juventude Hitlerista foi uma instituição obrigatória para jovens da Alemanha nazista, que visava treinar crianças e adolescentes alemães de 6 a 18 anos de ambos os sexos para os interesses nazistas. Essas crianças receberam um treinamento militar como parte do programa político para manter as regras nazistas através de uma doutrinação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as crianças da Juventude Hitlerista só se juntavam às forças militares alemães depois de chegar a maturidade. Porém quando as forças Aliadas invadiram a Alemanha nos últimos meses da guerra, o regime de Hitler ordenou que esses meninos se juntassem à luta, como forma de segurar a invasão até que pudessem usar as novas armas, consideradas milagrosas e que mudariam os rumos do conflito. Armados e enviados principalmente em pequenos esquadrões de emboscadas, dezenas de meninos foram mortos em conflitos inúteis, que ocorreram quando a guerra já estava praticamente decidida (SINGER, 2005).

De acordo com ROSEN (2005), nas sociedades pré-industriais não existia uma idade fixa na qual as crianças entravam na guerra. Exemplos vistos na história são as crianças no Sudão, onde os meninos eram introduzidos ao combate entre as idades de dezesseis e dezoito anos, recebendo como presentes lanças que simbolizam a função militar dos mais jovens; ou os nativos americanos, como os Cheyenne do século XIX, onde os meninos participavam de suas primeiras guerras quando tinham cerca de catorze ou quinze anos de idade e lentamente evoluíam para guerreiros experientes.

Em sociedades com culturas diferentes não existem regras que determinem quando os jovens podem virar guerreiros, pois o momento de transição gira em torno de questões mais práticas, como as habilidades físicas e emocionais dos mais jovens.

²⁸ Eram aqueles que transportavam a pólvora nos navios de Guerra, e tinham entre 12 e 14 anos.

Já nos EUA, durante a Guerra Civil, a maioria dos meninos que participavam dos conflitos, seguiam os irmãos mais velhos, pais e/ou professores, alguns até mentiam sobre suas idades, e outros pareciam ser mais velhos do que realmente eram. Por vezes eram recrutados na saída das escolas, e muitos eram levados até postos de recrutamento pelos próprios pais. Porém, essas crianças entravam nas forças armadas exercendo papéis considerados de apoio, mas rapidamente passaram a exercer papéis de combate (ROSEN, 2005).

No Oriente Médio, um exemplo do envolvimento de crianças seria nas Intifadas. A 1ª Guerra da Intifada, também conhecida como a Guerra das Pedras, teve início em 9 de dezembro de 1987, e contou com um grande número de palestinos participando de uma revolta contra as tropas oficiais israelenses, depois que caminhão israelense se chocou contra uma camioneta transportando trabalhadores palestinos do campo de refugiados de Jabalya, matando quatro jovens palestinos e ferindo dez. Civis palestinos, em sua maioria jovens e estudantes, utilizaram paus e pedras contra as forças israelenses (ALTMAN, 2010).

Durante a primeira (1987-1993) e segunda (2000-2005) intifada, as crianças fizeram parte dos conflitos, jogando pedras contra as forças israelenses ou ajudando palestinos procurados a se esconderem pelas ruas, sendo que elas participavam dessas operações de resistência por diversos motivos como o fato de que os crimes cometidos pelas forças israelenses continuavam a aumentar; os líderes palestinos não conseguiam acabar com os assassinatos de cidadão palestinos e não conseguiam protegê-los; e devido ao fato de que as facções palestinas eram politicamente isoladas e não conseguiam participar da resistência (KHALIL, 2015).

De certa forma, pode se perceber que as crianças sempre estiveram presentes em conflitos em várias partes do mundo e em diferentes épocas, porém houve uma mudança na natureza nos conflitos atuais e da guerra convencional, que torna o recrutamento de crianças um fenômeno comum das guerras contemporâneas. Essa mudança pode ser observada a partir da segunda metade do século XX e no século XXI, à medida que os civis começam a ser envolvidos na guerra, e as leis que eram padrão nas guerras no modelo de Clausewitz são abandonadas, fazendo com que as crianças se tornem mais vulneráveis as essas novas técnicas da guerra.

As crianças sempre estiveram envolvidas em terrorismo e em conflitos armados, e há várias explicações para esse fenômeno. Uma delas é uma característica do terrorismo, e o fato dele se adaptar de acordo com as medidas antiterroristas tomadas contra ele. Por exemplo, depois do 11 de setembro, grupos terroristas ficaram menos hierárquicos e mais descentralizados pois isso evita de serem detectados. Uma das razões para o aumento de ataques na forma de

lobo-solitário no ocidente, pois fica mais difícil de detectar e conseguir informações antes do ataque (ANDERSON, 2016).

Os terroristas em sua maioria eram homens, porém a partir do momento que se tornaram os principais suspeitos, as investigações fazem com que a probabilidade de alcançarem o resultado esperado diminua. Por causa dessas suspeitas em relação aos homens, a participação das mulheres passou a ser mais vantajosa devido a suposição de que mulheres não são violentas, conseguem passar por fronteiras e pontos de controle sem levantar suspeitas (ANDERSON, 2016).

Porém, com o aumento do envolvimento das mulheres, as investigações sobre elas ficaram mais intensas, e as medidas antiterroristas se ajustaram para impedir novos ataques. Assim os grupos terroristas passaram a usar crianças, pois como as mulheres, elas estão associadas a inocência e a não violência, e o uso delas aumenta a probabilidade de ações terroristas terem sucesso. O recrutamento de crianças por grupos terroristas é uma manobra estratégica para aumentar a probabilidade de sucesso dos ataques e de certa forma garantir a sobrevivência.

De acordo com a ONU, dezenas de milhares de meninos e meninas estão associados a forças armadas e grupos em conflitos em mais de 20 países ao redor do mundo. Aproximadamente 56 de 57 regiões em conflito cometeram violações graves contra crianças recrutando-as e usando-as como crianças-soldados (UN News, 2016).

Para as crianças que crescem em zonas de guerra, seu direito a educação, cuidado e proteção são violados constantemente. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), atualmente nos cinco maiores conflitos do mundo - Síria, Iraque, Sudão do Sul, República Centro Africana e Iémen - mais ou menos 21 milhões de crianças são afetadas diretamente pela violência. Grupos terroristas como o Boko Haram e o ISIS, ignoram os princípios de direito internacional humanitário, a fim de gerar uma maior atenção a suas causas (KINKARTZ, 2015).

O motivo dessa mudança de visão em relação à juventude da criança, seria, primeiramente o fato das novas armas serem mais leves e a partir disso seria muito mais fácil para crianças serem treinadas para manusear esses pequenos armamentos, como pistolas, rifles de assalto, metralhadoras, lançadores de granadas, etc. Essas armas leves incentivam o uso de crianças como combatentes, principalmente por elas aprenderem rápido, e pelo fato delas terem um “baixo custo” para a organização: elas comem menos, não precisam de salário, e podem ser dispensadas em qualquer momento.

Há também o fato de as crianças-soldados desempenharem um papel mais relevante no combate, pois elas têm menos consciência frente ao perigo, menos medo da morte e um menor instinto de sobrevivência. Ademais, as tropas de pacificação hesitam em abrir fogo contra as crianças, que acabam usadas como escudos humanos pelos senhores da guerra em vários locais, como Serra Leoa, Síria e Libéria (MÜNKLER, 2005, apud PAIVA, 2011).

Nos últimos anos, a atenção do sistema internacional tem focado cada vez mais na situação das crianças-soldados. Foram criadas várias legislações que proíbem o uso de qualquer pessoa com idade menor do que 18 anos como soldado, e o cumprimento dessas leis têm sido de grande importância para diversas sociedades.

Com a introdução do conceito de segurança humana, que prioriza a segurança e o bem-estar dos indivíduos de ameaças violentas e não-violentas, as questões relacionadas às crianças-soldados começaram a ser discutidas no âmbito da Organização das Nações Unidas.

A ONU lidera esforços para proteger as crianças do recrutamento, incluindo esse tema na agenda de seus principais órgãos e estabelecendo uma legislação internacional que destaca o emprego de crianças-soldados como um crime de guerra (PAIVA, 2016). No ano de 1999, o Conselho de Segurança publicou a resolução intitulada “Crianças e conflitos armados”, se referindo ao fenômeno como um problema de nível global.

Essa resolução reforça, condena e expressa o interesse em acabar com o uso de crianças em conflitos armados, uma vez que se preocupa com o impacto que os conflitos armados têm nas crianças, e as consequências que esse fenômeno pode trazer em relação ao desenvolvimento da paz e da segurança, no futuro (LIMA, 2016).

Além disso, em 2015, a representante especial do secretário-geral da ONU para Crianças e Conflitos Armados, Leila Zerrougui, apresentou o tema ao Conselho de Direitos Humanos da ONU. Este relatório abrange o período de dezembro de 2014 a dezembro de 2015, e afirma que conflitos cada vez mais complexos e amplos, tiveram um peso enorme sobre as crianças em grande parte do Oriente Médio, partes da África e da Ásia. De acordo com o relatório:

Durante o período abrangido pelo relatório, as crianças em zonas de conflito em todo o mundo continuaram a enfrentar as violações de seus direitos humanos. Grande parte do Oriente Médio e Norte da África estavam sob o domínio de, ou foram afetados pelo alastramento de conflitos de cada vez mais complexos e amplo. (UN, Annual report of the Special Representative of the Secretary General for Children and Armed Conflict, 2015, tradução nossa)²⁹

²⁹ No original: During the reporting period, children in conflict zones worldwide continued to face violations of their human rights. Much of the Middle East and North Africa was in the grip of, or affected by overspill from, increasingly complex and widening conflicts (UN, Annual report of the Special Representative of the Secretary General for Children and Armed Conflict, 2015).

Segundo o relatório: “As crianças foram desproporcionalmente afetadas, deslocadas e, muitas vezes, os alvos diretos de atos de violência com a intenção de causar o máximo de baixas civis e aterrorizar comunidades inteiras”. A representante da ONU ainda enfatiza no relatório a sua preocupação com o número de ataques a escolas, bem como o uso militar das mesmas, em países afetados pela guerra.

É de consenso de todos que as crianças merecem proteção especial, e isso pode ser visto nos diversos documentos internacionais de proteção da criança como a Declaração dos Direitos da Criança (1959), os Protocolos Adicionais I e II da Convenção de Genebra (1979) e a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) (PAIVA 2016).

O uso de crianças como soldado em conflitos armados é visto como uma ameaça à vida e ao bem-estar da criança, pois desrespeita seus direitos básicos como o acesso à saúde e educação, expondo-as a uma situação de extrema violência.

4.2 O RECRUTAMENTO DE CRIANÇAS-SOLDADOS PELO ISIS

O papel das crianças no ISIS representa o ponto máximo, e uma aceleração de tendências mais amplas no fenômeno crianças-soldados. (BENOTMAN e MALIK, 2016). De acordo com o relatório “*The Children of Islamic State*” (2016) feito por pesquisadores da Fundação Quilliam³⁰, centro de pesquisa contra o extremismo em Londres, o uso de crianças pelo ISIS, não tem precedentes, nem em termos de escala quanto de extensão. As crianças são sistematicamente treinadas para cumprir funções que variam desde pregadores, espiões, soldados da linha de frente, até para homens-bomba.

Pesquisas recentes começaram a analisar porque crianças são alvos, não só como vítimas, mas como potenciais participantes da violência. Atualmente elas são parte essencial da propaganda do ISIS, que incluem fotografias que exaltam essas crianças como mártires, e vídeos de menino executando prisioneiros acusados de espionagem ou capturados pelas tropas sírias (HORGAN et al., 2016).

Observando o recrutamento e treinamento praticados pelo ISIS, é possível perceber o uso métodos usados por outros grupos que também recrutam ou recrutavam crianças, como os métodos dos nazistas no que diz respeito a doutrinação das crianças através de escolas e campos de treinamento, ou práticas de sequestro e recrutamentos forçados como já percebido em conflitos na África.

³⁰ Quilliam é um centro de estudos de centro-esquerda focado no contra extremismo, especificamente contra o islamismo, o qual, segundo ele, representa o desejo de impor uma determinada interpretação do Islã à sociedade.

Os líderes do ISIS se inspiraram no uso de crianças por outros grupos terroristas, porém utilizam esse fenômeno em uma escala maior. Algumas das práticas utilizadas pelo ISIS são parecidas com as utilizadas pelo Império Otomano na Europa Central. Houve vários casos de militantes do ISIS levando crianças de famílias de minorias étnicas para ingressar no seu exército (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Aparentemente o objetivo do líder do ISIS, Abu Bakr al-Baghdadi é reproduzir o sistema *devşirme* do Imperador Otomano Murad I. O imperador instituiu o *devşirme*, considerado um imposto sobre o sangue ou tributo no sangue, onde a cada ano, meninos cristãos das províncias balcânicas eram retirados de suas casas e convertidos ao Islã a força, antes de iniciar uma vida de serviço ao sultão. Esses meninos eram escravos e davam total obediência ao sultão. O *devşirme* forneceu recrutas para serviços administrativos e civis, bem como órgãos militares de elite como os janízaros³¹.

As práticas adotadas pelo ISIS também sofrem uma grande influência daquelas adotadas pelo regime *Baathist* no Iraque, que recrutava crianças em suas forças armadas. No final dos anos 70, o partido *Baath* estabeleceu o movimento *Futuwah*, ou Vanguarda Jovem, que visava criar uma organização paramilitar entre crianças, que seriam organizadas em unidades e receberiam treinamento militar e doutrinação política (BENOTMAN; MALIK, 2016). Essas unidades seriam mais tarde utilizadas durante a Guerra Irã-Iraque.

Além dessas unidades, o regime de Saddam Hussein planejava organizar um acampamento militar para milhares de crianças de até dez anos, onde estas aprenderiam como usar armas pequenas e seriam doutrinadas na ideologia política baathista. Esta militarização generalizada das crianças permitiu que o regime ampliasse sua influência na sociedade iraquiana.

As unidades iraquianas mais importantes eram o '*Ashbal Saddam*', ou "os filhotes de leões de Saddam". Criados após a derrota do Iraque na Guerra do Golfo de 1991, quando Saddam estava tentando reconsolidar seu poder, o *Ashbal Saddam* recrutou meninos de dez a 15 anos. Essas crianças também foram enviadas para campos militares, onde foram submetidos a doutrinação e treinados por até 14 horas por dia (BENOTMAN; MALIK, 2016).

O legado de Saddam Hussein exerce uma forte influência nas estruturas administrativas e burocráticas do ISIS. Isso se deve pelo fato de que quando a Autoridade Provisória da

³¹ Os janízaros (do turco *Yeniçeri*, ou "Nova Força") constituíram a elite do exército dos sultões otomanos.

que as crianças cresçam considerando seu modo de vida como o normal, defendendo suas práticas. Por isso a doutrinação tem um valor tático e estratégico para o ISIS, não só porque as crianças ajudam a atender as necessidades atuais do grupo, mas quando crescerem, elas continuaram a propagar sua existência e continuam sua expansão (BENOTMAN; MALIK, 2016).

O ISIS não está somente interessado em guerras, muitos dos seus esforços estão focados na construção e consolidação de um Estado. A organização foca um grande número de esforços na doutrinação das crianças através de uma educação baseada em um currículo extremistas, e treinamento militar para moldar os futuros terroristas.

Os atuais soldados do grupo veem a futura geração como soldados melhores e mais letais, e isso porque ao invés de terem sido convertidos a ideologias radicais, essas crianças são doutrinadas desde o nascimento ou desde pequenas, sendo condicionadas a aceitar os ideais do grupo desde a tenra idade e por isso são vistas como mais “puras”. Dessa forma, as crianças-soldados recrutadas podem assumir funções típicas de adultos como manusear armas, carregar munição, praticar ataques e ainda atuar como informantes e espiões (PAIVA, 2016).

Os líderes do ISIS acreditam que essas crianças são abençoadas por Deus e sem pecados, diferente dos adultos que migraram para o ISIS, então seria mais provável que, quando em combate, elas fossem ajudadas por Deus. Além disso, crianças que nascem dentro do ISIS não são corrompidas por outras crenças ou culturas, tornando-as mais fortes do que os atuais *Mujahedeem* (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Outra estratégia que o ISIS tentar propagar ao recrutar as crianças é tentar banalizar a brutalidade, incentivando-as a segurar cabeças decapitadas ou até mesmo a jogar futebol com elas. Algumas das propagandas do grupo mostram vídeos de crianças assassinas, como o de um menino de mais ou menos 4 anos aparentemente denotando um carro-bomba mantendo quatro supostos espiões (TOWNSEND, 2016).

Essa exposição prolongada das crianças à violência afeta o seu bem-estar psicológico e físico, tanto a curto prazo quanto a longo prazo, isso por que no futuro serão incapazes de contribuir para sua sociedade por que não desenvolveram a habilidade de socializar.

4.2.2. Recrutamento

As estratégias de recrutamento do ISIS dirigidas às crianças não são estratégias novas ou diferentes das já usadas para recrutar adultos. Assim como acontece com as práticas gerais de recrutamento do ISIS, o grupo recorre a vários métodos para recrutar as crianças-soldados,

que vão desde apelar para os desejos e necessidades materiais das crianças, até, como apontado anteriormente, ao sequestro ou coerção (ANDERSON, 2016).

É comum algumas crianças serem introduzidas ao exército se tiverem parentes envolvidos com o ISIS, principalmente se forem os pais. Elas podem ser recrutadas se forem filhos de soldados, ou se os pais viajaram até o ISIS, o que as torna cidadãs do “Estado Islâmico”. O ISIS encoraja que os pais enviem seus filhos aos campos de treinamento e as vezes até buscam pelo consentimento deles (ANDERSON, 2016).

Nessas situações, onde crianças se juntam ao grupo através dos pais, não fica claro o quanto esse alistamento é voluntário. Mesmo que o próprio ISIS tente mostrar que as crianças estão felizes com o treinamento, esse tipo de recrutamento deixa dúvidas se as crianças entendem ou não a natureza de suas atividades. O papel dos pais ou de um adulto na vida de uma criança é um importante fator para saber como as crianças se envolverão com o ISIS (ANDERSON, 2016).

Uma outra opção adotada pelo grupo é por uma coerção mais indireta, sistêmica, onde as pessoas, especialmente as crianças, são pressionadas a se juntar ao grupo por medo. Canais de mídia controlados pelo ISIS emitem declarações que advertem as crianças de que caso se recusem a obedecer às ordens do grupo, elas serão açoitadas, torturadas ou estupradas, além disso, o grupo pune brutalmente aqueles que se recusam a obedecer suas regras de comportamento, ou que se mostrem contrários à sua ideologia (TOWNSEND, 2016).

Outro método utilizado pelo ISIS é o sistema educacional. Depois que o grupo tomou conta do sistema educacional da Síria e do Iraque, a doutrinação já começa nas salas de aula, para depois se intensificar nos campos de treinamento. As escolas e o sistema educacional são de extrema importância para o recrutamento e a doutrinação das crianças, visto que são os instrumentos perfeitos para moldar a mente das novas gerações. Às crianças são ensinadas o rígido currículo do ISIS, e encorajadas a espionar suas famílias e amigos, aqueles que obedecem são vistos como leais ao grupo e por vezes são levados aos campos de treinamento (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Nas áreas controladas pelo ISIS as crianças são obrigadas a frequentar as escolas, pois a educação domiciliar é proibida, sendo considerada *haram*. O grupo acredita que a educação domiciliar impossibilitaria que as autoridades conseguissem monitorar e controlar a educação das crianças. As Nações Unidas já receberam inúmeros relatos de educadores que foram assassinados pelo ISIS por se oporem e recusarem a ensinar seu currículo (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Embora a coerção seja um método muito utilizado para forçar as crianças a aderir ao ISIS, há também aquelas que aderem ao grupo voluntariamente. A habilidade do ISIS de convencer as crianças a se voluntariar por opção própria é notável, o sucesso do grupo em convencer as pessoas a aderir ao ISIS reflete o sucesso de recrutamento da organização e sua habilidade de alcançar pessoas pelo mundo (ANDERSON, 2016).

Um exemplo de adesão voluntária são as circunstâncias financeiras no qual essas crianças vivem que as levam a se alistar ao ISIS. O grupo por vezes recorre ao desejos materiais e necessidades das crianças, oferecendo presentes ou pagamento de salários. Esses salários, que são relativamente altos, pagos pelo grupo são mais um incentivo para as crianças e seus pais que vivem em circunstâncias econômicas difíceis por causa das guerras (ANDERSON, 2016).

O ISIS também fornece um padrão de vida melhor, com acesso a instituições e sistemas, como sistema de saúde e escolas, que seriam difíceis de conseguir devido a situação caótica da Síria e do Iraque. Devido a sua vulnerabilidade, as crianças são suscetíveis a aderir ao ISIS por coisas tão simples como brinquedos, doces, refrigerantes e CDs. E se seus pais se negarem a deixar que entrem para o exército, o ISIS ameaça-os até que não tenham escolha e mandem seus filhos para o treinamento (ANDERSON, 2016).

Além de brinquedos, as crianças podem ser atraídas para o ISIS por causa das armas e uniformes, pois acreditam que ao usar tais itens estarão legitimando sua adesão ao grupo. As crianças-soldados, especialmente aquelas recrutadas pelos ISIS por coisas materiais, não conseguem entender o objetivo maior do grupo, não tendo consciência da ideologia que é ensinada (BENOTMAN; MALIK, 2016).

A ideologia também tem um papel importante no recrutamento. A perspectiva de lutar por uma ideologia clara e definida com a do ISIS é um incentivo para as crianças, pois dá uma razão para suas vidas. As crianças são atraídas para o ISIS, pela oportunidade de exercer um papel específico dentro do "califado", o que lhes traz um sentimento de realização, de ser apreciado e necessário.

Outro método é a socialização, que envolve a interação com as crianças, geralmente em lugares públicos ou mesquitas e que encorajam comprometimento com o ISIS ao oferecer brinquedos e doces, ou deixando que as crianças segurem as bandeiras do grupo ou até mesmo as armas (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Nessa fase de socialização as crianças ficam ainda mais expostas as ideologias do grupo, podendo observar de perto o "sucesso" do exército do ISIS, e sua sociedade utópica, e os "benefícios" que aquele que já se juntaram possuem. Nesse sentido o grupo também trabalha o psicológico das crianças, como os sentimentos de inveja, mostrando como a vida das crianças

que se alistaram ao exército mudou para melhor, as coisas que elas ganham, como roupas, armas e medalhas, para fazer com que crianças de fora queiram se juntar ao grupo.

Horgan et al. (2016) divide esse processo de socialização em seis estágios: sedução, aprendizagem, seleção, subjugação, especialização e posicionamento.

- O primeiro estágio seria o da *sedução*, que é basicamente as primeiras exposições das crianças as ideias, normas e práticas através de propagandas, participação em eventos públicos, e um acesso indireto ao pessoal;
- O segundo estágio é a *aprendizagem*, que é o estágio em que as crianças começam a ser doutrinadas, seguindo uma rotina, e tendo uma exposição mais direta ao pessoal;
- O terceiro é a *seleção*, onde os recrutas focam suas atenções nas crianças, procurando aquelas que tem habilidades distintas, preparando-as para o treinamento militar ou outros papeis;
- O quarto estágio é o da *subjugação*, que envolve o maltrato físico e psicológico, através de treinamentos intensos, isolamento da família, o uso de uniformes, aprofundando o comprometimento das crianças através de atos de lealdade, sacrifício e disciplina, aumento de solidariedade entre as crianças por causa das dificuldades que compartilham uns com os outros;
- O quinto estágio é o da *especialização*, onde as crianças são expostas a treinamentos mais especializados;
- E por último o *posicionamento*, onde são atribuídas funções, e inclui a participação em eventos públicos para recrutar novos membros.

O aspecto psicológico do recrutamento do ISIS é crucial para entender o grupo como um todo, e embora esse aspecto não seja algo novo – tendo sido sistematizado anteriormente por Osama bin Laden e a al-Qaeda que reconhecem a importância da criação de propagandas como vídeos, websites, e até um manual, o sucesso do recrutamento do ISIS por métodos psicológicos não tem precedentes na história (ANDERSON, 2016).

Muito dos feitos do ISIS, especialmente no ocidente, é devido ao seu alcance global e sua influência. Dados mostram que o medo dos americanos de terroristas estava maior em dezembro de 2015, do que depois do 11 de setembro, e isso é atribuído ao apelo psicológico do ISIS (ANDERSON, 2016).

As crianças não são imunes a esse aspecto do recrutamento, visto que o ISIS oferece aos mais jovens, novas identidades, um senso de pertencimento, novos valores e crenças, dentro da

interpretação salafista-jihadistas do Islã. As crianças que vivem em regiões devastadas pelos conflitos na Síria e no Iraque, também são alvos mais vulneráveis, não só porque o ISIS serve como uma saída para as frustrações para sírios e iraquianos, mas porque o ISIS fornece um sentimento de ordem em uma situação caótica (ANDERSON, 2016).

Embora, a maior parte do recrutamento seja de forma voluntaria, o ISIS ainda recorre ao recrutamento de crianças a força. Porém esse método afeta particularmente as minorias étnicas que vivem na Síria e no Iraque. Crianças curdas viraram membros do ISIS através de sequestro, método muito comum utilizado pelo ISIS (ANDERSON, 2016).

Em 2014, aproximadamente 600 crianças curdas com idades entre 14 e 16 anos foram sequestradas enquanto voltavam de ônibus de Aleppo para Kobani depois de terem feito exames, e dessas 600 crianças 189 meninos ficaram com o grupo e enviados para escolas onde foram doutrinadas e treinadas (HARKIN, 2014)

De acordo com a Missão de Assistência da ONU para o Iraque (em inglês UNAMI), junto ao Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (em inglês OHCHR), estima-se que até junho de 2015, o ISIS já tinha sequestrado entre 800 e 900 crianças, dividindo-as em dois grupos: um com crianças entre 5 e 10 anos que foram colocadas em campos de educação religiosa; e outro com crianças entre 10 e 15 que foram forçadas a um treinamento militar. As crianças foram levadas até os campos da al-Izza e al-Ghizlani ao sul de Mossul. (OHCHR, 2015).

Se não forem forçadas a entrar para o ISIS, as minorias são assassinadas pelo grupo, independente se forem crianças ou adultos. No caso das mulheres, o ISIS frequentemente mantém as meninas, onde elas se tornam esposas para os soldados. Uma mulher yazidi, chamada Gawry Rasho, libertada pelo ISIS em abril de 2015, afirmou que o grupo mantinha centenas de yazidis em cativeiro, e que embora elas tenham sido libertadas depois de 8 meses, o grupo ficou com sua filha de 7 anos. Gawry também afirma que embora o grupo liberte algumas pessoas jovens e idosas, o ISIS continua a sequestrar e manter crianças, onde as meninas são obrigadas a se casar, ou são escolhidas como escravas sexuais (ANDERSON, 2016).

Em 26 de Abril, a UNAMI / OHCHR recebeu vários relatórios, segundo os quais o ISIS tinha sequestrado vários homens e meninos yazidis de suas famílias, um número que pode chegar a até 700, em Tal Afar, Ninawa, cidade do Iraque. De acordo com fontes, e alguns vídeos postados on-line, parece que alguns desses homens e meninos foram obrigados a participar de um programa de radicalização ISIS, e algumas das mulheres e crianças yazidis, podem ter sido transferidas para as aldeias no território (OHCHR, 2014).

Até mesmo as crianças fora da região do Oriente Médio são alvos do recrutamento do ISIS, a diferença é que os métodos são mais psicológicos do que materiais. Através das redes sociais, os membros do ISIS entram em contato com essas crianças, conversam com elas e fazem com que se sintam amadas, compreendidas, e acaba usando essas emoções para distancia-las dos pais e parentes.

Várias crianças já deixaram seus países no ocidente com a intenção de se juntar ao grupo. Entre os países que têm crianças recrutadas estão principalmente os EUA, o Reino Unido e a Alemanha. A inteligência alemã acredita que aproximadamente 400 pessoas deixaram o país para ir ao Iraque ou para a Síria, das quais 24 são menores de idade. Alguns desses menores tem menos de 13 anos e 4 são mulheres, que se juntam ao grupo com esperanças de se casarem com um soldado jihadista³⁴. Além disso, o Reino Unido acredita que cerca de 900 britânicos já deixaram o país para se juntar ao ISIS e a maioria deles são jovens adultos, porém não se sabe o número exato de crianças.

De acordo com o Centro Internacional de Estudos sobre radicalização e violência política - ICSR, o número de estrangeiros que se juntaram as organizações militantes nos conflitos na Síria e no Iraque, continua a aumentar. De acordo com a última estimativa do ICSR, o total ultrapassa os 20.000, sendo maior do que o número de estrangeiros nos conflitos do Afeganistão nos anos 1980.³⁵ A Indonésia também é um alvo vulnerável por ser uma nação predominantemente muçulmana. O secretário-geral da Comissão para Proteção das Crianças na Indonésia, afirmou quem desde agosto de 2014, os extremistas do ISIS têm se infiltrado nas escolas, como professores onde propagam a ideologia do grupo, afirmando que a interpretação do ISIS do Islã é algo bom, e encoraja os alunos a se juntarem ao grupo (ANDERSON, 2016).

Em relação ao recrutamento geral do ISIS, os combatentes estrangeiros compõem a metade dos membros do ISIS, que incluem cerca de 4000 ocidentais. As crianças que veem de países do ocidente têm maior probabilidade de vir com suas famílias à Síria e ao Iraque.

4.2.3 Treinamento

A doutrinação que começa nas escolas se intensifica nos campos de treinamento, onde as crianças com idades entre 10 e 15 são instruídos na *shari'a*, dessensibilizados em relação a violência, e são ensinadas habilidades específicas, para que possam servir o ISIS da melhor

³⁴ German spy chief: 13-year-old children joining extremist groups. <http://english.alarabiya.net/en/News/middle-east/2014/09/22/German-spy-chief-children-as-young-as-13-are-joining-extremist-groups.html>

³⁵ Foreign fighter total in Syria/Iraq now exceeds 20,000; surpasses Afghanistan conflict in the 1980s. <http://icsr.info/2015/01/foreign-fighter-total-syriairaq-now-exceeds-20000-surpasses-afghanistan-conflict-1980s/>

forma possível (BENOTMAN; MALIK, 2016). Enquanto as meninas aprendem a cozinhar, limpar e apoiar os maridos, para que sejam boas esposas e mães, os meninos são preparados para o combate, aprendendo habilidades militares.

Figura 3: Crianças-soldados em treinamento físico nos campos



Fonte: Relatório Quilliam – As crianças do Estado Islâmico

O ISIS criou várias escolas com o propósito de treinar militarmente as crianças e prepará-las mentalmente. Nessas escolas, elas aprendem a disparar munição real com armas AK-47, lutar utilizando o combate corpo-a-corpo, e até mesmo a dirigir (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Em 14 de janeiro de 2015, um vídeo foi postado na internet mostrando um novo campo de treinamento do ISIS em uma cidade chamada *Tal Afar*, no distrito de Ninawa, que havia sido estabelecida para o recrutamento e treinamento de crianças. Em fevereiro do mesmo ano, a UNAMI conseguiu um vídeo intitulado "*Farouq Institute for Cubs*", que mostra o treinamento de 15 meninos yazidis. A identidade desses meninos foi confirmada por parentes, que também confirmaram que todos tinham menos de 18 anos e que a maioria era menor de 15 anos (OHCHR, 2015).

A maioria das crianças foi levada da aldeia de Kocho, no distrito de Sinjar, Ninawa. As crianças no vídeo receberam três tipos de treinamento: ensino do Alcorão³⁶, especificamente relacionado a jihad; treinamento de armas; e como lidar com prisioneiros (OHCHR, 2015).

O treinamento não é fácil, um vídeo divulgado por uma mídia na Província de Ninewa, mostra um campo de treinamento no qual são ensinadas artes marciais e autodefesa, e passam por um rigoroso treinamento físico onde seus professores lhes dão socos, chutes e pauladas com varas de madeira (BENOTMAN; MALIK, 2016).

³⁶ Há duas variantes para o nome do livro usadas comumente: "Corão" e "Alcorão". Por vezes se afirma que, como o prefixo "al-" designa o artigo definido no árabe, o seu uso seria desnecessário. No entanto, nas muitas palavras portuguesas de origem árabe com "al-" na sua origem, como "almanaque" ou "açúcar", a partícula não foi suprimida. Portanto, ambas as formas estão corretas, embora a mais tradicional seja Alcorão.

Relatos de pais e de ex-crianças-soldados revelam que suas condições de vida dentro do grupo serviam para testa-los mental e fisicamente, por exemplo, com algumas crianças sendo forçadas a dormir em colchões infestados de pulgas. Nessa fase, sua lealdade ao grupo é consolidada, pois ficam isolados de suas famílias, suas experiências dão origem a camaradagem e, eventualmente, profundo orgulho no que eles são capazes de suportar (BLOOM; HORGAN, 2015).

Figura 4: “Cerimonia de graduação” dos Filhotes do Califado em Mossul.



Fonte: Relatório Quilliam – As crianças do Estado Islâmico

Alguns vídeos de propaganda do ISIS mostram “filhotes de leões” recém-formados desfilando em uniforme completo, carregando armas, na frente de um público. As crianças são instruídas a ficarem paradas enquanto são espancadas com paus por seus comandantes, na frente de outras dezenas de crianças mais novas que olham impressionadas com os jovens recrutas mascarados capazes de suportar os rigores físicos do "treinamento". Essa exibição é outra forma de propaganda para o recrutamento de crianças (BLOOM; HORGAN, 2015).

Além disso, crianças de todas as idades são constantemente expostas a exposições públicas de vídeos de execução, que por sua vez, o ISIS filma e utiliza como forma de propagar a ideia de que o público apoia esses assassinatos. Em alguns desses vídeos é possível perceber como algumas crianças ficam curiosas para saber o que acontece, e a reação delas a decapitação, difere entre repulsa e curiosidade (BLOOM; HORGAN, 2015).

Graças a essas execuções, e pelo fato do ISIS afirmar que aquilo é uma punição para quem desobedece, muitas crianças acreditam que essas ações são normais. As crianças constantemente presenciam crucificações, apedrejamentos, e decapitações, isso serve não só para dessensibilizá-las, mas para demonstrar lealdade e compromisso com o ISIS (BLOOM; HORGAN, 2015).

De acordo com o relatório do Instituto Quilliam, o ISIS justifica o recrutamento e treinamento de crianças através de um documento que cita versos do Alcorão, que afirma: “O Todo-Poderoso disse: ‘Vá em frente, seja leve ou pesado, e se esforce com sua riqueza e almas na causa de Deus. Isso é melhor para você, se você realmente souber '[Alcorão 9:41]’”.³⁷

Durante os treinamentos nas escolas do ISIS, as crianças adquirem habilidades militares, onde os meninos são alocados de acordo com suas especialidades, isso envolve papéis que as crianças se encaixem melhor, tanto mentalmente quanto fisicamente, do que os adultos. Ao completar o treinamento as crianças são introduzidas em diversos papéis, tanto dentro das linhas de frente quanto fora.

Inicialmente as crianças são treinadas como espãs, fornecendo informação sobre inimigos ou cidadãos vivendo nas comunidades controlados pelos ISIS como familiares, vizinhos, ou amigos, que sejam contra as regras do grupo (BLOOM; HORGAN, 2015).

A intenção é difundir a paranoia nas pessoas, fazendo com que vivam com a incerteza, sem saber se estão sendo observados ou escutados, até mesmo pelos próprios filhos. Isso cria um ambiente de medo, que faz com que as pessoas vivam de acordo a ideologia do ISIS (ANDERSON, 2016).

As propagandas do ISIS mostram as crianças fazendo discursos para multidões em espaços públicos. Esse é outro papel que as crianças exercem, a de pregadores. Crianças que têm facilidade de comunicação são usadas para divulgar a ideologia do ISIS, juntando apoio, e recrutando mais pessoas.

Figura 5: Vídeo de crianças discursando para a câmera.



Fonte: Relatório Quilliam – As crianças do Estado Islâmico

Colocar as crianças para fazer discursos em nome do "califado", é um método eficaz de conseguir apoio, visto que as crianças são muito mais apaixonadas pelas causas, isso combinado

³⁷ No original: “O Todo-Poderoso disse: ‘Vá em frente, seja leve ou pesado, e se esforcem com sua riqueza e almas na causa de Deus. Isso é melhor para você, se você realmente souber '[Alcorão 9:41]’.”

com sua juventude chama atenção. Elas são capazes de influenciar outras crianças a aderir ao ISIS, através de formação de grupos de amizades (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Os papéis mais perigosos, onde as crianças estão constantemente na linha de frente são os de soldados ativos, carrascos e suicidas (homens-bomba). As crianças recebem treinamento para lutar nas linhas de frente, guardar o quartel general, fabricar explosivos, ou para serem atiradores de elite. O ISIS já divulgou vários vídeos mostrando as crianças se preparando para esse papéis.³⁸

Os carrascos são usados para executar aqueles que não seguem a ideologia do ISIS.³⁹ Ao forçar as crianças a participar de execuções, o ISIS normaliza essas atrocidades. Algumas auxiliam nas execuções ao entregar facas para os adultos, enquanto outras realizam a execução. O ISIS ensina as crianças que a oportunidade de realizar uma execução é uma honra e um privilégio. O grupo divulgou um vídeo⁴⁰, gravado na província de Kheer, que mostra seis meninos que ganharam a oportunidade de executar prisioneiros sírios, correndo pelos campos, celebrando a execução de prisioneiros (BENOTMAN; MALIK, 2016).

As crianças também são treinadas para cometer ataques suicidas.⁴¹ O uso de crianças em atentados suicidas emergiu como um fenômeno no terrorismo moderno. Dentro do ISIS existe uma pressão social intensa sobre as crianças para se comprometerem com esta tarefa. Elas são encorajadas a virarem mártires, pois se tornar um mártir enquanto defende o islã de seus inimigos é uma parte importante de ideologia do ISIS. O grupo evita usar a expressão “ataque suicida” optando por “honra do martírio”, que só serve para enganar as crianças e convence-las a participar desse tipo de ataque (ANDERSON, 2016).

É normal que as crianças-soldado do ISIS utilizem coletes⁴² com explosivos, mesmo quando estão executando outros trabalhos. Quando as crianças são usadas para esse propósito, geralmente fazem uso de vestes ou dirigem carros cheios de explosivos, indo em direção das áreas que pretendem atacar. (BENOTMAN; MALIK, 2016).

Para aqueles que realmente acreditam na ideologia do ISIS, poder realizar um ataque suicida é uma grande honra. Por isso as missões suicidas, não só ganham um maior destaque, como são

³⁸ New ISIS video shows the training of child soldiers. Daily Mail. <http://www.dailymail.co.uk/video/news/video-1138753/New-ISIS-video-shows-training-child-soldiers.html>

³⁹New ISIS Video Shows Child Soldiers Mass Executing Tied-Up Prisoners. Heavy. <http://heavy.com/news/2016/12/isis-islamic-state-amaq-news-my-father-told-me-video-syrian-arab-army-saa-turkey-turkish-soldiers-mass-execution-gay-man-thrown-full-roof-execution-full-uncensored/>

⁴⁰ ‘To the Sons of Jews’, Islamic State Wilayat Kheer, 03 December 2015, https://archive.org/details/oma_222_mail_20151203.

⁴¹ Syria: child soldiers of the caliphate, Channel 4 News. <https://www.channel4.com/news/syria-children-of-the-caliphate-isis-amputation-evan-williams>

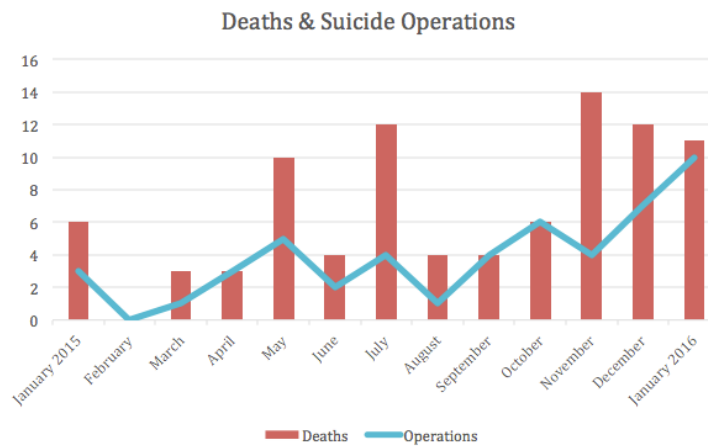
⁴² “IS increases use of child soldiers, says US report”, BBC News. <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-35608878>

desejadas pelas “glórias” e acabam sendo consideradas como um ato normal na mente dessas crianças, pois isso é possível perceber um aumento no número de ataques suicidas envolvendo crianças (BENOTMAN; MALIK, 2016).

As famílias das crianças que comentem ataque-suicidas geralmente recebem algum tipo de compensação, presente ou até mesmo popularidade pelo martírio de seus filhos, por isso alguns pais encorajam seus filhos a se inscreverem para esse tipo de tarefa.

De acordo com dados do Grupo de Combate ao Terrorismo de West Point⁴³, de janeiro de 2015 até janeiro de 2016, 89 crianças e jovens foram glorificadas em propagandas do ISIS por terem cometido ataques suicidas, sendo de 51% aparentemente morreram na Síria enquanto 36% foi no Iraque. O restante morreu em operações em outras regiões como Nigéria, Líbia e Iêmen. Desses 89 casos, 39% foram bombas improvisadas em veículos, enquanto 33% dos outros ataques foram de soldados a pé em operações não especificadas, 6% morreram enquanto trabalhavam fazendo propaganda para o grupo e 4% morreram em ataques a civis. Os últimos 18% foram de *inghimasis*, ou seja, soldados que morreram em operações de pilhagem, em que um grupo de soldados se infiltra e ataca uma posição inimiga usando armas automáticas leves antes de se matarem detonando cintos suicidas.

Figura 6: Mortes e operações suicidas.



Fonte: CTC Sentinel, volume 9.

Porém, na medida que ISIS continua sendo atacado por inimigos, essas operações suicidas aumentam, assim como a participação de crianças nesses ataques e sua utilização como escudos humanos.

⁴³ BLOOM; HORGAN; WINTER, 2016

Diferentemente dos meninos, as meninas que se juntam ao ISIS têm um treinamento diferenciado. Geralmente as meninas recebem uma educação voltada para a vida doméstica, onde aprendem a cuidar das necessidades dos maridos, ensinar aos filhos sobre a ideologia do ISIS e cuidar da casa. Conhecidas como as “flores e pérolas do califado” a ideologia do ISIS tem regras específicas para as meninas, como por exemplo, devem vestir o véu cobrindo o corpo inteiro, devem ficar escondidas e nunca deixar a casa, exceto em circunstâncias em que sejam realmente necessárias. Esperasse que saibam cozinhar, costurar e tricotar.

A vida no ISIS certamente não é fácil para as meninas, muitas delas são estupradas por membros do ISIS, ou soldados associados ao grupo. Em uma entrevista feita em 2016, uma menina yazidi, que virou prisioneira do ISIS, relata como era a vida das mulheres e meninas capturadas pelo grupo⁴⁴.

A menina, que usa o pseudônimo Birvan, foi escravizada quando tinha 15 anos e teve que aguentar meses em um cativeiro antes de conseguir fugir. A jovem relata que um grupo de yazidis ao qual ela fazia parte, tentava deixar sua vila, que estava sendo destruída pela guerra, perto de *Tel Affar*, no Iraque, quando um grupo de quatro homens do ISIS os parou. Prometendo não fazer nada com o grupo de yazidis, caso os mesmos cooperassem, os homens fizeram algumas perguntas como, quantos yazidis tinham na vila. Birvan lembra que haviam pelo menos 95 homens com suas famílias, e diz que haviam muitas mulheres e crianças. Após esse encontro, outros membros do ISIS chegaram à vila e capturaram as pessoas, separando os homens das mulheres. As mulheres foram então transferidas para outro lugar. Mulheres e crianças ficaram juntos por um tempo, mas eram regularmente intimidadas e ameaçadas por membros do ISIS.

As crianças foram então separadas de suas mães, indo para locais diferentes. Os meninos com idade acima dos seis anos foram levados para campos de treinamento, para serem convertidos para o Islã e treinados como soldados do ISIS.

O grupo em que Birvan se encontrava, de meninas com idades entre 9 e 22, foram levadas para um lugar em Mossul. Ela relata que: "Lembro-me de um homem, que parecia ter uns 40 anos, vir e levar uma menina de 10 anos. Ela resistiu, e ele a espancou severamente, usando pedras, e a teria matado se ela não tivesse ido com ela. Isso tudo foi feito contra sua vontade".

Em Mossul, Birvan encontrou mais ou menos 5,000 meninas yazidis que haviam sido escravizadas. As meninas eram levadas contra suas vontades, e se recusassem os homens as matavam ali mesmo. Na maioria das vezes eram compradas por soldados sem um preço. Eles

⁴⁴ Entrevista concedida ao programa *Shabaab [Youth] Talk* em 22 de março de 2016. <<https://www.youtube.com/watch?v=YaXXin2Tip0>>.

lhes diziam que era *sabiyas*, escravas sexuais, "troféus de guerra", ou *kuffar*, infiéis, e deveriam ser vendidas sem um preço, ou muitas vezes sendo trocadas por apenas um maço de cigarros.

Birvan, assim como outras meninas, foi levada por um homem mais velho, e era estuprada e espancada diariamente. Ela, assim como várias meninas capturadas e que vivem nessas condições de vida, tentam o suicídio. Algumas tentam fugir, pois acreditam que mesmo que sejam capturadas e mortas, ainda é uma melhor opção o que voltar ao cativo.

Historicamente, quando organizações militantes recrutavam crianças, elas o faziam disfarçadamente, um padrão que surgiu com a liberação do Relatório Machel sobre as crianças em conflitos armados em 1996 e as resoluções da ONU contra o recrutamento de jovens (BLOOM; HORGAN; WINTER 2016).

O ISIS ignora esse padrão ao exaltar as crianças-soldados em suas propagandas, o que mostra uma diferença no uso dessas crianças dos antigos conflitos onde elas estavam envolvidas. As pesquisas mostram que a intenção do grupo ao recrutar essas crianças, não é para substituir os soldados perdidos. Está claro que os líderes do ISIS têm uma visão de longo prazo em relação ao recrutamento infantil, não só as crianças de hoje serão os terroristas de amanhã, elas estarão encarregadas de difundir a ideologia do grupo no futuro.

5 CONCLUSÃO

A presente monografia buscou apresentar o recrutamento das crianças-soldados pelo ISIS, e importância desse recrutamento para o futuro do grupo terrorista ISIS e seu projeto para a criação de um Califado. A partir dos objetivos gerais, foram traçados três objetivos específicos, que foram desenvolvidos nos três capítulos deste trabalho.

No primeiro capítulo, as reflexões se desenvolveram a partir dos estudos de Holsti (1996) sobre as guerras de terceiro tipo, onde o autor argumenta que, a partir de 1945, embora as guerras entre Estados tenham diminuído, não foi possível limitar as guerras intraestatais. De acordo com o autor, as “guerras de terceiro tipo” são guerras com características revolucionárias, guerras de libertação nacional, civis, ou até de secessão. Fica claro que essas guerras não seguem o modelo clássico da guerra definidos por Clausewitz, pois as mesmas tinham características distintas que atualmente são ignoradas pelos conflitos armados, como o fato de as guerras terem seu começo divulgado assim como o seu fim; ou o fato dos soldados usarem uniformes para diferencia-los da população civil e entre si; o respeito pelos territórios, e principalmente as áreas neutras como escolas, igrejas e hospitais. Nas guerras de terceiro tipo, esses fatores são ignorados, não existem estratégias, os ataques dependem de ideias inovadoras e de imprevisibilidade; as áreas que antes eram neutras acabam virando os principais alvos; e atentados terroristas são usados para atrair atenção das pessoas e não para derrotar os inimigos.

Outra diferença importante é como os civis são tratados durante a guerra. Nas guerras contemporâneas os civis acabam tendo papéis diferentes, aumentando sua participação ao longo do tempo. Enquanto nas antigas guerras, ataques contra a população civil eram evitados, nas guerras contemporâneas eles são os principais alvos, ou até mesmo os próprios combatentes.

Nas “guerras de terceiro tipo”, se os civis não são os alvos principais, eles são a principal força de seus grupos, sendo a principal fonte de força de trabalho, apoio logístico e de inteligência. Há também o uso do terror, pois na medida em que o controle sobre o território é um valor fundamental, as populações civis são os objetos de despejo, estupro, massacres, e “limpeza étnica”, é onde a regra de neutralidade e a distinção entre civil e militar desaparecem.

Observando que na atual conjuntura, os mais afetados pelos conflitos armados, não são somente os Estados, e sim a população civil, as instituições de segurança perceberam a necessidade de tomar novas medidas para a proteção dos indivíduos, garantindo sua segurança. Assim surge o conceito de segurança humana.

Como mencionando no primeiro capítulo, o conceito de Segurança Humana possui dois aspectos principais: manter as pessoas a salvo de ameaças crônicas como a fome, as doenças, a

repressão, e protegê-las de mudanças súbitas nos padrões da vida cotidiana, como por exemplo, das guerras, dos genocídios, das limpezas étnicas, ataques terroristas, e catástrofes nucleares.

A forma como o ISIS envolve os civis em seus conflitos, tanto como vítimas como combatentes, e como utiliza o terrorismo para propagar suas ideias, apresentam não só as características colocadas por Holsti (1996) sobre as guerras de terceiro tipo, como mostram uma clara violação dos direitos da população civil de viver em segurança, como mostrado pelo conceito de segurança humana.

Os ataques terroristas articulados pelo grupo, vão além da ideia de acabar com os inimigos. O grupo utiliza esses ataques como forma de propaganda, para espalhar sua ideologia, assim, pequenos atos individuais de violência extrema podem ser usados para manipular o medo de uma grande parte da população. Ou ainda, essa atenção pode ser utilizada de forma favorável pelo grupo, como uma forma para conquistar simpatizantes que, de outra forma, nunca os apoiariam.

O segundo capítulo fez uma apresentação sobre o grupo terrorista ISIS, mostrando seu histórico, objetivos e metodologias de recrutamento. O capítulo começa com uma explicação sobre as constantes mudanças de nome na história do grupo as terminologias utilizadas não só pelo grupo, mas como governos, políticos e meios de comunicação. Nesse tópico deixa-se claro a terminologia utilizada neste trabalho para se referir ao grupo, sendo adotado o termo ISIS.

O principal objetivo do grupo é a construção de um Califado, para todos os muçulmanos do mundo, e para isso o grupo vem tentando expandir seu território para além das áreas já conquistadas na Síria e no Iraque. O projeto original tem a intenção de reivindicar áreas consideradas históricas pelos muçulmanos, que passam das fronteiras de alguns países do Oriente Médio, chegando a países da Ásia, África e Europa. O ISIS planeja manter uma estrutura com um sistema centralizado de comando e controle, onde se planejam campanhas de longo prazo para serem implementados de forma descentralizada por comandantes regionais experientes, sendo que sua estrutura governamental é hierárquica e abrangente. Para alcançar seus objetivos de expansão o ISIS tem agido de várias formas. Uma delas é se instalando em regiões onde há um vácuo de poder. Em regiões onde predomina o autoritarismo, o sectarismo, o desemprego, a pobreza, o analfabetismo e outros problemas, há uma maior propensão ao surgimento do radicalismo religioso. O grupo usa a insatisfação da população civil, para que se juntem ao grupo e tomem as cidades.

Outro método de conquista é o uso do terror. Com a constante propaganda de seus métodos de tortura e constantes notícias de assassinatos, o ISIS utiliza o medo para afastar as pessoas de seus territórios, fazendo com que fujam para outros locais em busca de segurança.

Esse método tem aumentado o número de refugiados, que têm procurado outros países em busca de proteção.

Apresentou-se também as metodologias de recrutamento do ISIS e como o grupo opera, planejando seus ataques e espalhando sua propaganda por diversos meios de comunicação. Da análise efetuada neste trabalho sobre a forma como as pessoas são recrutadas, e como são influenciadas para integrar o grupo, é possível afirmar que desde vídeos na internet, até conversar por aplicativos de celular, ou simplesmente influenciadas por familiares, como é o caso das crianças, que são o foco do terceiro capítulo.

O terceiro capítulo focou no recrutamento de crianças-soldados pelo ISIS, apresentando um histórico sobre o recrutamento de crianças em vários conflitos no mundo, em épocas diferentes, e quais são as mudanças que podem ser vistas nas formas de recrutamento atualmente.

Neste capítulo é possível perceber como as mudanças acerca das estratégias adotadas nos conflitos armados atuais acabaram gerando um debate em relação ao envolvimento dos civis nas guerras, principalmente o envolvimento de crianças. Devido as novas táticas de guerra – que incluem espalhar medo na população civil utilizando práticas que ferem o Direito Internacional– e a maior participação da população civil, algumas crianças são influenciadas ou se sentem obrigadas a juntarem-se as partes em conflito.

O uso de crianças como soldado em conflitos armados é visto como uma ameaça à vida e ao bem-estar da criança, pois desrespeita seus direitos básicos como o acesso à saúde e educação, expondo-as a uma situação de extrema violência. Examinando os últimos relatórios divulgados por organizações internacionais, e vídeos divulgado pelo próprio ISIS, é possível perceber como o grupo, um ator não-estatal, está integrando crianças em seu projeto de califado.

As crianças são treinadas e doutrinadas desde o nascimento ou quando ainda são bem novos. Depois do treinamento são alocadas em diversas posições, desde os mais simples como mensageiros, espiões, cozinheiros, limpadores, pastores, até os mais perigosos, nas linhas de frente, em ataques suicidas, ou como assassinos, atiradores e carrascos. Essas crianças acabam não tendo acesso a outras visões, outras ideologias, e crescem acreditando fielmente que o que fazem é o certo, que este é o único meio de vida. Essa noção pode acabar sendo um perigo no futuro, visto que essas crianças crescerão, terão filhos, e continuarão a espalhar essas visões extremistas do ISIS, o que pode ser uma ameaça à paz e segurança internacional.

Outro motivo que pode levar ao aumento do recrutamento de crianças-soldados, é o fato das coalizões inimigas, lideradas pelos EUA, estarem intensificando os ataques para deter o grupo. O ISIS necessitará de mais soldados, por isso acabará envolvendo as crianças cada vez

mais nos conflitos, já que está sendo cada vez mais difícil de conseguir recrutar adultos, principalmente os estrangeiros. Essa dificuldade tende a aumentar, visto que os outros países estão tomando medidas em relação aos recrutas estrangeiros. Isso vai fazer com que o ISIS não só aumente o recrutamento, como as crianças vão ser recrutadas cada vez mais cedo.

Outro ponto importante é que se o grupo quiser continuar a expandir seu território na Síria e no Iraque, é provável que terá que continuar a expandir também o processo de recrutamento de crianças-soldados, para assegurar o controle do território.

Dessa forma, com os dados disponíveis até agora, conclui-se que, ao recrutar crianças-soldado, o ISIS planeja, não só a proteção do território e a consolidação do Califado, como também a continuidade do grupo, pois é necessário que pense no futuro, estabelecendo uma comunidade que siga e espalhe sua ideologia para manter o Califado. Assim, mesmo que o grupo chegue ao seu fim, sua ideologia poderá continuar sendo espalhada pelas próximas gerações.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mirela Nogueira de. **Debates dos Estudos de Segurança Internacional e Segurança Humana: uma breve análise sobre a evolução dos Estudos de Segurança**, Revista Conjuntura global, UFPR v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/cg.v4i2.43172>> Acesso em: 11 de dezembro de 2016

ALEXANDER, Yonah; ALEXANDER, Dean. **The Islamic State: Combating The Caliphate Without Borders**, Lexington Book, 2015

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1987 - Começa Primeira Intifada na Faixa de Gaza**, Opera Mundi, 09 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/8120/hoje+na+historia+1987++comeca+a+primeira+intifada+na+faixa+de+gaza.shtml>> Acesso em: 06 de julho de 2017

ANDERSON, Kara. **“Cubs of the Caliphate” The Systematic Recruitment, Training, and Use of Children in the Islamic State**, International Institute for Counter Terrorism, 2016. Disponível em: <<https://www.ict.org.il/Article/1629/Cubs-of-the-Caliphate>> Acesso em: 14 de abril de 2017

BAZZANO, Ariana. **Segurança humana: o discurso ‘para’ ou ‘da’ periferia?** Inter-Relações, ano 14, nº 40, 2014, p. 41 – 53. Disponível em: <<http://www.faculdadesantamarcelina.com.br/jornal/index.php/InterRelacoes/article/view/101>> Acesso em: 18 de outubro de 2016

BBC News. **Mapas explicam batalha do 'EI' pela Síria e pelo Iraque**, 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141015_mapas_siria_lab> Acesso em: 24 de abril de 2017

BELLINTANI, A; BELLINTANI, M. **A Guerra: do século XIX aos nossos dias**. UFRR: Boa Vista, 2014.

BEMMELECH, Efraim; KLOR, Esteban F. **What Explains the Flow of Foreign Fighters to ISIS?** Kellogg, abril 2016. Disponível em: <http://www.kellogg.northwestern.edu/faculty/benmelech/html/BenmelechPapers/ISIS_April_13_2016_Effi_final.pdf> Acesso em: 19 de maio de 2017

BENOTMAN, Noman; MALIK, Nikita. **The Children of Islamic State**, The Quilliam Foundation, março de 2016 Disponível em: <<https://www.quilliamfoundation.org/wp/wp-content/uploads/publications/free/the-children-of-islamic-state.pdf>> Acesso em: 12 de julho de 2016.

BLANCO, Ramon, **Segurança Internacional: o alargamento de uma ideia**. Gazeta do Povo, 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/seguranca-internacional-o-alargamento-de-uma-ideia-egogk8r8mhv0tozg87tqi907i>> Acesso em: 21 de outubro de 2016.

BLOOM, Mia; HORGAN, John. **This Is How the Islamic State Manufactures Child Militants**. Vice News. 08 de julho de 2015. Disponível em: <<https://news.vice.com/article/this-is-how-the-islamic-state-manufactures-child-militants>> Acesso em: 08 de julho de 2016

BLOOM, Mia; HORGAN, John; WINTER, Charlie. **Depictions of Children and Youth in the Islamic State's Martyrdom Propaganda, 2015-2016**, CTC SENTINEL, fevereiro 2016 Volume 9, Issue 2. Disponível em: <<https://www.ctc.usma.edu/posts/depictions-of-children-and-youth-in-the-islamic-states-martyrdom-propaganda-2015-2016>> Acesso em: 08 de agosto de 2015

BUZAN, Barry. **New Patterns of Global Security in the Twenty-First**, International Affairs, Vol. 67, No. 3, julho de 1991, pp. 431-451. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2621945?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 21 de outubro de 2016.

BUZAN, Barry, Hansen, Lene. **The evolution of International Security Studies**, Cambridge University Press, 2009.

CALLAWAY, Rhonda; STEPPER, Julie Harrelson. **Toward a Theory of Terrorism: Human Security as a Determinant of Terrorism**, *Studies in Conflict & Terrorism*, 29:7, 2006. 679-702. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10576100600701974>> Acesso em: 10 de junho de 2017

CLAUSEWITZ, C. V. **On war**. Oxford University Press: Oxford, 1989.

CHACRA, Gustavo. **Afinal, devo falar ISIS, ISIL, DAESH ou Estado Islâmico?** Estadão, 2015. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/afinal-devo-falar-isis-isil-daesh-ou-estado-islamico/>> Acesso em: 06 de maio de 2017

DUARTE, J. P. G; GODOI, F; YAMADA, C. **O engajamento internacional pela segurança humana: apontamentos de uma crítica pós-colonial**, Inter RELAÇÕES, Faculdade Santa Marcelina, Ano 14, Nº 40, 2014. Disponível em: <<http://www.faculdadesantamarcelina.com.br/jornal/index.php/InterRelacoes/article/view/105>> Acesso em: 24 de setembro de 2016

HAMPSON, Fen Osler. **Human Security, Security Studies, An introduction**, edited by Paul D. Williams. 2008.

HARKIN, JAMES. **Up to 186 Kurdish students kidnapped by Isis in northern Syria**, The Guardian, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/jun/26/186-kurdish-students-kidnapped-isis-syria>> Acesso em: 15 de maio de 2017

HOLSTI, Kalevi J. **The State, War, and the State of War**, Cambridge University Press, 1996.

HUBBARD, Ben. **Life in a Jihadist Capital: Order With a Darker Side**, The New York Times, 2004. Disponível em: <
https://www.nytimes.com/2014/07/24/world/middleeast/islamic-state-controls-raqqa-syria.html?_r=1> Acesso em: 24 de fevereiro

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque das civilizações, e a Recomposição da Ordem Mundial**. Editora Objetiva, 1997.

KARAM, Zeina. **Life and Death in ISIS: How the Islamic State Builds its Caliphate**, Associated Press, 2015.

KHALIL, Naela. **Palestinian children on the frontline of the intifada**. The new Arab, 4 de dezembro de 2015. Disponível em: <
<https://www.alaraby.co.uk/english/features/2015/12/4/children-on-the-frontline-as-palestinian-uprising-continues>> Acesso em: 06 de julho de 2017

KINKARTZ, Sabine. **UNICEF 2015 report: Millions of children caught in the middle of conflict**, DW, 2015. Disponível em <<http://p.dw.com/p/1Fquq>> Acesso em: 06 de setembro de 2016

LAQUEUR, Walter. **The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction** New York: Oxford University Press, 1999

LAYTON, Peter. **Bringing the transnational into ‘new wars’: the case of islamic state**, De Gruyter, 25 de nov 2014. Disponível em: <
<https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/irsr.2015.5.issue-3/irsr-2015-0018/irsr-2015-0018.pdf>> Acesso em:

MUIR, Jim. **Islamic State group: The full story**. BBC News, 2016. Disponível em: <
<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-35695648>> Acesso em: 28 de maio de 2017

MCCOY, Terrence. **How the Islamic State evolved in an American prison**, The Washington Post, 2014. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/11/04/how-an-american-prison-helped-ignite-the-islamic-state/?utm_term=.0fa9e098ab58 > Acesso em: 29 de maio de 2017

NAPOLEONI, Loretta. **The Islamist Phoenix The Islamic State And The Redrawing Of The Middle East 1**, A Seven Stories Press First Edition, 2014.

NERIAH, Jacques. **The Structure of Islamic State (ISIS)**, Jerusalem Center for Public Affairs, 2014. Disponível em: < <http://jcpa.org/structure-of-the-islamic-state/> > Acesso em: 24 de setembro de 2016

OLIVEIRA, Ariana Bazzano. **O Fim Da Guerra Fria E Os Estudos De Segurança Internacional: O Conceito De Segurança Humana**, Revista Aurora ano III número 5, UNESP, 2009. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1221>. Acesso em: 21 de julho de 2016

OHCHR, **Convention on the Rights of the Child**: 1989. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/CRC.aspx>> Acesso em: 25 de maio de 2017

_____, **Report on the Protection of Civilians in the Armed Conflict in Iraq**: 2014-2015. Disponível em: <http://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMI_OHCHR_4th_POCTReport-11Dec2014-30April2015.pdf> Acesso em: 25 de maio de 2017

_____, **Report on the Protection of Civilians in the Armed Conflict in Iraq**: 2015. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMIRreport1May31October2015.pdf>> Acesso em: 25 de maio de 2017

PAIVA, Giovanna Ayres Arantes. **O Estado Islâmico e o recrutamento de crianças-soldado**. ERIS-GEDES. 10 de março de 2016. Disponível em: <<http://www.eris-gedes.org/#!O-Estado-Islâmico-e-o-recrutamento-de-criançassoldado/c7a5/570a55ed0cf2d6bf6ee0c752>> Acesso em: 12 de junho de 2016

PAIVA, Giovanna Ayres Arantes. **A Atuação Da Onu Frente As Crianças Soldado**. Fronteira, PUC Minas. Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 59 - 79, 1o sem. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/8657>> Acesso em: 05 de junho de 2016

PAIVA, Giovanna Ayres Arantes de. **O sistema da ONU e as crianças-soldado: convergências e divergências nas abordagens sobre crianças e conflitos armados**, Campinas, SP: [s.n.], 2016. Disponível em: <https://mhps.net/?get=54/paiva_gaa_me_mar.pdf> Acesso em: 12 de junho de 2016

PNUD, **Human Development Report**, New York Oxford University Press, 1994

RABELLO, Aline Louro de Souza e Silva. **O conceito de terrorismo nos jornais americanos. Uma análise de textos do New York Times e do Washington Post, logo após os atentados de 11 de setembro**, PUC-RIO, 25 DE jul de 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10178/10178_3.pdf> 2007 > Acesso em: 18 de setembro de 2016

ROCHA, Carolina Nunes Miranda Carasek da. **Mulher migrante ocidental: uma leitura do seu papel e importância dentro do grupo Estado Islâmico**, Repositório UFSC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168445>> Acesso em: 20 de setembro de 2016

ROSE, Steve. **The Isis propaganda war: a hi-tech media jihad**, The Guardian, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/oct/07/isis-media-machine-propaganda-war>> Acesso em: 24 de abril de 2017

ROSEN, David. **Armies of the Young child soldier**, Rutgers University Press, 2005.

SINGER, P.W. **Children at War**, University of Califórnia Press, 2006.

SUAREZ, Marcial A. Garcia. **As guerras de George W. Bush e o terrorismo no século XXI**. 1ed. Curitiba: Appris, 2013.

SYRIAN OBSERVATORY FOR HUMAN RIGHTS. **ISIS Recruit 400 Children for ‘Cubs of Caliphate’**, 2015. Disponível em: < <http://www.syriahr.com/en/?p=15778> > Acesso em: 04/04/2017

TOMÉ, Luis, **A ascensão do “Estado Islâmico” 2015-2016**. Repositório Institucional Camões. Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2910/1/1.1_LuisTome_EstadoIslamico.pdf> Acesso em: 10 de junho de 2017

TOWNSEND, Mark **A doutrina da carnificina do Estado Islâmico. Como o ISIS recruta e treina crianças para a sua jihad**. Carta Capital, 18 de março de 2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/892/a-doutrina-da-carnificina>> Acesso em: 12 de junho de 2016

TUCKER; GURMAN, **Life and Death in ISIS: How the Islamic State Builds its Caliphate**, Associated Press, 2015.

UNICEF. **A Convenção sobre os Direitos da Criança**, Assembleia Geral nas Nações Unidas, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf> Acesso em: 16 de setembro de 2016

UN News. **In ISIL-controlled territory, 8 million civilians living in ‘state of fear’**. 2015. Disponível em: < <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=51542#.WUFWM5ArLIW>> Acesso em: 06 de maio de 2017

UNITED NATIONS. **Security Council Resolution S/RES/2170, 2014**

_____. **Security Council Resolution S/RES/1612, 2005**

_____, **Report of the Independent International Commission of**

Inquiry on the Syrian Arab Republic, Rule of Terror: Living under ISIS in Syria. 2014

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico**: desvendando o exército do terror. São Paulo: Seoman, 2015.